

Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional

**“A INFLUÊNCIA DOS PAIS NO
DESENVOLVIMENTO DE
ATLETAS JOVENS NO TÊNIS”**

Newton Santos Vianna Júnior

BELO HORIZONTE

2002

Newton Santos Vianna Júnior

“A Influência dos Pais no Desenvolvimento
de Atletas Jovens no Tênis”

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Área de Concentração: Treinamento Esportivo.

Sub-Área: Psicologia do Esporte

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Moraes

Co-orientador: Prof. Dr. John H. Salmela

Belo Horizonte
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
2002

Dissertação defendida e aprovada, 25 de setembro de 2002, pela banca examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dr. Luiz Carlos Moraes

Prof. Dr. Dietmar Martin Samulski

Prof. Dr. Go Tani

Prof. Dr. John Henry Salmela

Dedicatória

Aos meus pais, que sempre foram um exemplo de pessoa correta, pelos valores que me transmitiram ao longo da vida, e pela minha formação integral.

À minha esposa Katya, amiga, amada, amante e companheira, por todo o carinho, pelos momentos de alegria e especialmente pelo crescimento advindo das interações e debates de assuntos principalmente dentro da nossa profissão.

Ao meu filho Alexandre, meu amigo e maior alegria da minha vida, razão de novas buscas e melhoria da nossa qualidade de vida.

Agradecimentos

Aos meus familiares pelo apoio e compreensão, pela união familiar e pelo ambiente de amizade em toda nossa convivência.

Ao meu orientador Prof. Dr. Luiz Carlos de Moraes, pela oportunidade de me aprimorar profissionalmente, pela atenção e dedicação na minha formação.

Ao Prof. Dr. John H. Salmela, meu co-orientador e amigo, pelos novos horizontes, desafios e perspectivas, pelo apoio, confiança e pelas palavras de encorajamento.

Aos Profs. Drs. Luiz Oswaldo Rodrigues, LOR, e Emerson Silami Garcia, pela amizade e por serem meus primeiros mentores, responsáveis pela minha iniciação na carreira científica.

Ao Prof. Dr. Dietmar Samulski, meu amigo e que por várias interações me levou a gostar e me aprofundar neste apaixonante universo da Psicologia do Esporte.

Aos amigos e professores do mestrado que me acompanharam ao longo da minha formação, pela sua contribuição e confiança, essenciais em meu desenvolvimento.

Aos colegas do mestrado, em especial ao meu “irmão acadêmico” André Scotti Rabelo, pela convivência e amizade que tornaram esta etapa da minha vida um momento de prazer e crescimento acadêmico.

Às Profas. Dras. Glauro C. Franco e Luci Fuscaldi Teixeira-Salmela, pela amizade, pelo aprendizado, orientação e ajuda com toda a estatística e tratamento dos dados da minha pesquisa.

Aos funcionários e alunos da Escola de Educação Física, e a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para minha formação e meu sucesso pessoal e profissional.

Aos técnicos, atletas e pais que participaram desta pesquisa, pela colaboração e interesse, sem o qual este trabalho não seria possível, e à Federação Mineira de Tênis, na pessoa da Rebeca Rocha, que sempre me auxiliou com presteza e boa vontade.

Às minhas amigas e companheiras de laboratório, Christiane Salum Machado, Luciana Martin Silva e Mariana Calábria Lopes, pela ajuda na transcrição dos dados coletados.

Resumo

O objetivo deste estudo foi de investigar a influência dos pais no desenvolvimento de atletas jovens no tênis. Foram relacionados os cinco primeiros colocados no *ranking* da federação estadual de tênis, nas categorias masculina e feminina, com idade de 15 e 16 anos na temporada de 2001. Participaram nove atletas, um dos pais de cada um destes atletas (no total de nove) e os técnicos destes atletas (no total de quatro). Utilizou-se uma abordagem quantitativa e qualitativa na coleta e análise dos dados. O envolvimento dos pais foi verificado a partir do ponto de vista dos atletas e dos pais, sendo os dados coletados através de Entrevistas Semi-estruturadas de Aprofundamento e de um Formulário de Respostas Codificadas. Este formulário contém 11 questões organizadas em um continuum, sendo que cada uma possui de quatro a seis possíveis níveis de envolvimento dos pais nas atividades dos filhos no tênis, em três diferentes fases de desenvolvimento, até os 7 anos, de 8 a 12 anos e acima de 13 anos. As atividades representadas pelas 11 questões foram agrupadas em quatro categorias: a) o envolvimento dos pais nos treinamentos formal e informal dos filhos; b) experiência esportiva vivida pelos pais; c) a influência dos pais nos estudos e futuro profissional dos filhos e d) rotina familiar. Os pais apresentaram um elevado nível de envolvimento nos treinamentos formal e informal dos filhos, servindo de exemplo, incentivando, proporcionando oportunidades, comparecendo às competições e inclusive participando ativamente das atividades. Os pais, praticavam, na primeira fase, principalmente, o tênis, no nível de competição, e esse comportamento mudou de forma

significativa ($p < 0,002$) na segunda e terceira fase, quando passaram a fazer atividades esportivas ocasionalmente. Na primeira fase, os pais não discutiam com seus filhos a escolha de uma carreira profissional e houve uma mudança significativa ($p < 0,000$) desse comportamento na segunda e terceira fase, quando eles passaram a sugerir algumas profissões, principalmente, não ligadas ao esporte. Havia cobrança, por parte dos pais, de desempenho nos estudos e nos esportes, mas eles davam liberdade aos filhos para decidirem a maior parte dos assuntos relacionados aos estudos e à escolha da profissão, e respeitavam a decisão deles. Os pais tinham contato diário com os filhos e na rotina familiar, da primeira para a segunda fase, houve alguma mudança significativa ($p < 0,006$), para atender as necessidades dos filhos nas atividades esportivas. Através dos resultados dessa pesquisa, concluímos que esses pais tiveram uma influência importante no desenvolvimento desses atletas de tênis, apresentando elevado grau de envolvimento nas atividades esportivas de seus filhos. Esses resultados estão de acordo com o encontrado na literatura sobre o desenvolvimento do *expert* em outros países, e com atletas de ginástica rítmica e voleibol, provenientes da classe média, mas não com os atletas de futebol, na maioria provenientes de classes mais baixas, no Brasil.

Abstract

The purpose of this study was to investigate the role of parents in the development of young tennis players. The five top athletes, aged 15-16, in the male and female rankings of the state tennis federation in the year 2001, were selected. Nine athletes, one of their parents (total of nine) and the coaches of these athletes (total of four) were investigated. A quantitative and a qualitative approach were used in data collection and analysis, to verify the involvement of parents in the development of their children, from the athlete's and parent's point of view, through semi-structured in-depth interview and a coded. The questionnaire had 11 items, with a continuum of four to six levels of involvement of parents in their children's tennis activities, each, was used to investigate this involvement in three different phases of development of their tennis careers (up until 7, from 8 to 12, and after 13 years of age). The activities represented in the 11 questions were grouped in four categories: a) involvement of parents in structured and unstructured practice of their children; b) experience of parents in sport; c) influence of parents in the studies and professional career of their children, and d) changes in family routines. Parents reported a high level of involvement in structured and unstructured practice of their children, acted as role models, giving incentive, providing opportunities, attending competitions, and also participating in their activities. Parents, during the first phase, used to play tennis, at a competitive level, and the change of this behavior was significant ($p < 0,002$) during the second and third phases, when they participated, occasionally, in physical activity. During

the first phase, parents did not discuss with their children about their future professional careers and this change was significant ($p < 0,000$) for their behaviors during the second and third phases, when they suggested some professional options, not related to sports. Parents demanded performance of their child in sport as well in studies, but allowed them to decide about their studies and their choice of a professional career. Parents and their children, had daily personal contact, there was a significant changes ($p < 0,006$) in their family routines, to support their children in their sport activities. It was concluded that parents played an important role in the development of these athletes, demonstrating a high level of involvement in the sport activities of their children. These results are congruent with the literature of expert development, in other countries, and of athletes of rhythmic gymnastics and volleyball, with middle class families, but not with those of young Brazilian soccer players, most of them coming from lower socioeconomic classes.

Índice de Ilustrações

Figuras

FIGURA 1 – Modelo do Técnico – Coaching Model	10
---	----

Tabelas

TABELA 1 - Idade e Nível de Experiência dos Técnicos, em anos.	42
TABELA 2 - Atletas entrevistados e número de atletas em treinamento com estes técnicos	42
TABELA 3 - Tempo dedicado por semana às atividades do treinamento, em horas.....	43
TABELA 4 - Idade dos pais, porcentagem de casados e número de pessoas por família.....	49
TABELA 5 - Nível de escolaridade dos pais entrevistados	50
TABELA 6 - Renda familiar dos pais, em salários mínimos.....	51
TABELA 7 - Resultados do Nível de Envolvimento dos Pais nas Atividades dos Filhos.....	53
TABELA 8 - Questão 1 - Envolvimento dos pais nas aulas	55
TABELA 9 - Questão 2 – Atuação dos pais na iniciação do treinamento	56
TABELA 10 - Questão 3 - Envolvimento dos pais nas atividades esportivas da criança.....	57
TABELA 11 - Questão 4 - Envolvimento dos pais no acompanhamento de eventos esportivos	59
TABELA 12 - Questão 6 - Envolvimento dos pais na orientação do treinamento da criança	61
TABELA 13 - Questão 9- Atividades extras, diárias da criança relacionadas ao esporte que pratica	63
TABELA 14 - Questão 5 - Envolvimento dos pais com esporte	66
TABELA 15 - Questão 7- Influência dos pais na escolha de uma carreira profissional da criança.....	68
TABELA 16 - Questão 8- Cobrança do estudo em relação ao esporte.....	70
TABELA 17 - Questão 10 – Mudança na rotina dos pais em função da prática do filho no esporte.....	73
TABELA 18 - Questão 11 – Frequência com que os pais e os filhos se encontram.....	74

Sumário

Folha de rosto	i
Dedicatória	iv
Agradecimentos	v
Resumo	vi
Abstract	viii
Índice de Ilustrações	x
Sumário	xi
1 - Introdução	1
1.1 - Justificativa	1
1.2 - Objetivo	2
2 - Revisão da Literatura .	3
2.1. - Definindo o Expert	3
2.2. - Perfil de Excelência	4
2.2.1. - Desenvolvimento do Expert em Diferentes Áreas	5
2.2.2. - O Desenvolvimento do Expert de Bloom	6
2.2.3. - O Complexo Familiar de Csikszentmihalyi	7
2.2.4. - A Prática Deliberada de Ericsson	8
2.3. - Desenvolvimento do Expert no Esporte	10
2.3.1. - O Modelo do Treinador de Côté	12
2.3.1.1 - Componentes Centrais	13
2.3.1.2 - Modelo Mental do Técnico em Relação ao Potencial do Atleta	14
2.3.1.3 - Componentes Complementares	15
2.4. - A influência dos Pais no Desenvolvimento do Expert	16
2.4.1. - O Ambiente e o Desenvolvimento do Expert no Esporte	17
2.4.2. - A Influência da Família no Desenvolvimento do Expert no Esporte	19
2.4.3. - Os Pais e o Desenvolvimento do Expert Esportivo no Brasil	22
3 - Metodologia	26
3.1 - Tipo de Pesquisa	26
3.2 - População	27
3.2.1 - Critérios de inclusão	28
- Técnicos	28
- Atletas	28
- Pais	28
3.3 - Material Permanente Utilizado	29
3.4 - Projeto piloto	29
3.5 - Instrumentos	30
3.6 - Coleta dos dados	33
3.7 - Análise dos dados	35
3.7.1 - Formulário de Respostas Codificadas	35
3.7.2 - Questionários	36
3.7.3 - Entrevista Semi-Estruturada e de Aprofundamento	36
3.8 - Cuidados Éticos	38
4 - Resultados	40
4.1 - Informações sobre os Técnicos	41
4.1.1 - Declarações dos Técnicos na Entrevista Semi-estruturada e de Aprofundamento	44
4.2 - Informações Sobre os Pais	48
4.2.1 - Dados demográficos dos pais	49
4.3 - Entrevista Semi-estruturada e de Aprofundamento e Formulário de Respostas Codificadas.	51
4.3.1 - O envolvimento dos pais nos treinamentos formal e informal dos filhos	54

4.3.1.1 - Questão 1 - Envolvimento dos pais nas aulas	54
4.3.1.2 - Questão 2 - Atuação dos pais na iniciação do treinamento	55
4.3.1.3 - Questão 3 - Envolvimento dos pais nas atividades esportivas da criança	57
4.3.1.4 - Questão 4 - Envolvimento dos pais no acompanhamento de eventos esportivos	59
4.3.1.5 - Questão 6 - Envolvimento dos pais na orientação do treinamento da criança	60
4.3.1.6 - Questão 9 - Atividades extras, diárias, da criança	62
4.3.2 - A experiência esportiva vivida pelos pais	64
4.3.2.1 - Questão 5 - Envolvimento dos próprios pais com esportes	65
4.3.3 - A influência dos pais nos estudos e no futuro profissional dos filhos	67
4.3.3.1 - Questão 7 - Influência dos pais na escolha de uma carreira profissional dos filhos	67
4.3.3.2 - Questão 8 - Cobrança do estudo em relação ao esporte	70
4.3.4 - A rotina familiar	72
4.3.4.1 - Questão 10 - Mudança na rotina dos pais em função da prática do filho no esporte	72
4.3.4.2 - Questão 11 - Frequência com que os pais e os filhos tinham contato	74
5 - Discussão dos Resultados	77
5.1 - Informação dos técnicos	78
5.2 - Informação dos pais	79
5.3 - Entrevista Semi-estruturada e de Aprofundamento, e Formulário de Respostas Codificadas, com os atletas e os pais.	81
5.3.1 - Categorias de envolvimento dos pais	83
5.3.1.1 - O envolvimento dos pais nos treinamentos formal e informal dos filhos	83
5.3.1.2 - A experiência esportiva vivida pelos pais	91
5.3.1.3 - Aspectos Educacionais	98
5.3.1.4 - Aspectos Socioeconômicos	100
6 - Conclusão	104
7 - Recomendações	106
8 - Referências Bibliográficas	107
9 - Anexos	111
Anexo 1 - CARTA DE ENCAMINHAMENTO	112
Anexo 2 - Concordância da Instituição - EEEFTO/UFMG	113
Anexo 3 - Concordância da Instituição - CLUBE	114
Anexo 4 - Formulário de Consentimento Livre e Esclarecido	115
Anexo 5 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - (Pais – Atletas)	117
Anexo 6 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - (Técnicos)	118
Anexo 7 - Formulário de Respostas Codificadas – questões 1 a 3	119
Formulário de Respostas Codificadas – questões 4 a 7	120
Formulário de Respostas Codificadas – questões 8 a 11	121
Anexo 8 - Questionário Demográfico com os Pais	122
Anexo 9 - Questionário Demográfico com os Técnicos	123
Anexo 10 - Entrevista Semi-estruturada e de Aprofundamento com os Técnicos	124
Anexo 11 - Frequência das Respostas do FRC – Atletas e Pais	125
Anexo 12 - Análise da Variância por Postos - Friedman	126
Anexo 13 - Teste de Correlação por Postos - Spearman	127
Anexo 14 - Características dos Atletas	128

1 - Introdução

1.1 - Justificativa

O homem tem se empenhado em superar seus limites e desenvolver-se cada vez mais nas diferentes áreas de conhecimentos. Tanto nas atividades intelectuais quanto naquelas ligadas às artes e ao esporte existem pessoas que conseguem se sobressair aos demais, alcançando resultados acima da média e apresentando, muitas vezes, um desenvolvimento excelente para a sua idade.

Esta concepção de *experts* foi proposta em estudos que se basearam no desenvolvimento da carreira dessas pessoas, desde os primeiros aspectos de sua formação até o seu reconhecimento como expoentes (talentos). Modelos do desenvolvimento do talento foram apresentados e fundamentados na observação de um padrão comum durante a trajetória de desenvolvimento, que passava pelo prazer de se realizar a atividade, o comprometimento com a atividade escolhida, a influência dos pais e dos técnicos/mentores na formação e pelos aspectos socioculturais que influenciavam esse desenvolvimento.

Durante as várias etapas do desenvolvimento do talento também se verificou que a quantidade e a qualidade da prática eram de fundamental importância para o sucesso na atividade. Alguns autores sugerem no mínimo dez anos, ou dez mil horas de prática deliberada, para se alcançar o alto nível de *performance* (ERICSSON, 1996; ERICSSON & LEHMANN, 1996). Nesta etapa, a influência desempenhada pelos pais, assim como pelos

técnicos e/ou professores foi considerado extremamente importante. Este envolvimento variou no modo, na intensidade e na quantidade ao longo desse período, auxiliando o aprendiz a lidar com situações onde havia limitações de recurso, motivação e esforço e a conseguir superá-las.

No âmbito esportivo, alguns estudos têm se dedicado à busca do conhecimento do universo que interage com os atletas considerados *experts*, assim como da trajetória de seu desenvolvimento. Ambientes de treinamento e competição, técnicos, atletas, famílias, estruturas organizacionais, aspectos sociais e culturais são constantemente investigados para que se compreenda melhor a formação do *expert* no esporte (B. S. BLOOM, 1985; CARLSSON, 1993; CSIKSZENTMIHALYI, RATHUNDE & WHALEN 1993; CÔTÉ, 1999).

A influência exercida pela família nesse contexto tem se mostrado de extrema importância, seja porque propicia situações ideais e incentiva a participação no esporte, seja pelo apoio moral, material e financeiro que fornece. Essa influência, todavia, havia sido pouco estudado, principalmente na fase inicial do desenvolvimento do *expert*.

1.2 - Objetivo

O objetivo deste trabalho é investigar a influência dos pais no desenvolvimento de atletas jovens tenistas (15-16 anos), classificados nos cinco primeiros lugares, masculino e feminino, no *ranking* da Federação Mineira de Tênis, na temporada de 2001.

2 – Revisão da Literatura

O desenvolvimento do ser humano e a sua procura por uma *performance* de excelência têm sido observados desde os primórdios da sua existência. Em cada área de conhecimento, como, por exemplo, ciências, artes e esportes, o ser humano tenta se superar e alcançar resultados e *performances* cada vez mais elevados.

Nos últimos anos, o estudo do desenvolvimento do *expert* tem investigado o envolvimento da família, o apoio dos pais e dos mestres e, ainda, a influência do meio ambiente na formação do futuro *expert*.

2.1. - Definindo o Expert

O Dicionário Aurélio Eletrônico (1999) define a palavra *expert* com o termo em português *experto*: “1. Que tem experiência; experimentado, experiente: É homem inteligente e *experto*. 2. Que fez experiência. 3. Que sabe ou tem conhecimento; *sabedor*, *ciente*: É homem culto, *experto*. 4. Indivíduo que adquiriu grande conhecimento ou habilidade graças à experiência, à prática. 5. *Perito*.” O termo *expertise* é definido como “*Perícia, avaliação ou comprovação realizada por *experto**”.

Alguns autores utilizam outras palavras para definir o *expert*, sendo a mais próxima deste conceito a definição da palavra *talento*, que o Dicionário Aurélio Eletrônico (1999) define, em português, como “*aptidão natural, ou habilidade adquirida; inteligência*

excepcional; engenho”, e talentoso “que tem talento, muito inteligente”. A palavra talento, no entanto, parece ser utilizada mais como um conceito de inato, um “dom” com o qual a pessoa nasce, o que não foi objeto de estudo nesta dissertação.

No trabalho de Ericsson (1996), *expertise* é definida como a capacidade de o indivíduo apresentar desempenho (*performance*) considerado excepcional, no nível de um profissional experiente. O autor define o *expert* como uma pessoa que se encontra entre os 5% melhores em um domínio específico. Esta *performance* superior do *expert* pode ser explicada em termos de seu maior domínio de conhecimento. Os *experts* conseguem resolver problemas, dentro de seu domínio, de forma muito mais rápida e precisa do que os iniciantes. No âmbito esportivo, a *expertise* continua sendo mediada por processos cognitivos, como a monitoração, o planejamento, a racionalização e a antecipação. (ERICSSON, 1996; ERICSSON & LEHMANN, 1996).

2.2. - Perfil de Excelência

A pergunta importante é: “Quanto o desenvolvimento do mais alto nível do talento é uma questão de treinamento apropriado?”. Esta questão envolve aspectos que são relevantes para o entendimento da *expertise*: excelência no esporte, contribuição das condições de treinamento para o desenvolvimento do talento natural, necessidade de aumento da ênfase na qualidade do treinamento e circunstâncias que ofereçam oportunidades para pessoas selecionadas atingirem a *expertise* no esporte.

2.2.1. - Desenvolvimento do Expert em Diferentes Áreas

Para se alcançarem os mais altos níveis de excelência depende-se de muitas variáveis, mas é difícil determinar o papel de cada uma delas. Como a literatura lida com a influência e o valor potencial do treinamento, das condições ambientais necessárias e com a interação potencial dessas influências na *performance* motora?

Pouquíssimas pessoas conseguem atingir a *expertise*, em seu sentido verdadeiro, em mais de um esporte, possivelmente porque cada esporte tem seus princípios específicos, ou devido à incapacidade de a pessoa se dedicar ao treinamento em dois esportes simultaneamente, de forma suficiente (SINGER & JANELLE, 1999).

Com relação às normas de treinamento, observou-se que as pesquisas recentes dão mais ênfase à qualidade da estrutura do treinamento do que ao tempo necessário para se atingir o nível de *expertise*. Neste aspecto, o papel da auto-regulação e a simulação da competitividade são discutidos. São discutidas questões acerca das influências em potencial do meio ambiente que permitem o desenvolvimento do potencial genético, e da capacidade do treinamento de elevar a condição de desenvolvimento de atletas (SINGER & JANELLE, 1999).

Em análises da *performance* de alto nível feitas com *experts* de áreas diferentes como xadrez, esportes, medicina, dança, música, programação de computador, digitação, física, malabarismo e outras, foram encontradas diferenças significativas quando se compararam os iniciantes e os *experts* em cada área específica (ERICSSON & LEHMANN, 1996).

O desenvolvimento de *experts*, por meio da construção do conhecimento e da integração com o meio ambiente, e as oportunidades que ele propicia, são discutidos por B. S. Bloom (1985), Csikszentmihalyi, Rathunde e Whalen (1993) e Ericsson, Krampe e Tesch-Römer (1993), como veremos a seguir.

2.2.2. - O Desenvolvimento do Expert de Bloom

B. S. Bloom (1985) estudou a carreira de *experts*, de forma retrospectiva, em diversas áreas, entre elas: 1) atlética ou motora, com nadadores e tenistas ; 2) estética, musical ou artística, com músicos e escultores; 3) intelectual ou cognitiva, com matemáticos e neurologistas. O autor encontrou fases comuns de desenvolvimento, apesar das diferentes áreas estudadas, e classificou-as em anos iniciais, anos intermediários e anos finais de desenvolvimento, cada uma com suas próprias características em relação ao envolvimento dos alunos/atletas, técnicos/professores e pais.

Bloom descreve estágios de desenvolvimento das habilidades em várias etapas da vida. Nos primeiros anos, ou anos iniciais, o desenvolvimento das habilidades precisa ser completado pelo treinamento rigoroso, motivado e dedicado em estágios futuros. Um compromisso de longo tempo, de 10 a 15 anos, é necessário para a maturação das habilidades finas e a perfeição do *expert*, no caso de tenistas e nadadores. A estrutura e o apoio da família podem ter muita influência para estimular e moldar os interesses e o entusiasmo para se desenvolver a *expertise* em um certo domínio, em uma pessoa jovem.

2.2.3. - O Complexo Familiar de Csikszentmihalyi

Csikszentmihalyi, Rathunde e Whalen (1993) estudaram mais de 200 jovens *experts* e seus pais, introduzindo o conceito de “complexo familiar” para descrever as famílias nas quais se identificaram os melhores estímulos para o desenvolvimento da *expertise* de seus filhos. Esses complexos familiares foram definidos como sendo integrativos, o que significa “uma condição estável entre os membros da família, onde as crianças tinham um sentimento de apoio e consistência”, e uma diferenciação, que, por sua vez, indica que os membros da família eram “encorajados a desenvolver suas individualidades através da busca de novos desafios e oportunidades.”

Os autores, nesse estudo longitudinal com jovens *experts*, acreditam que as tarefas a serem realizadas precisam representar um desafio, um fator de desequilíbrio, gerando um sentido de integração durante a realização do trabalho para se cumprir a tarefa. Os sentimentos de prazer e total integração na realização da tarefa foram chamados por Csikszentmihalyi et al. (1993) de *flow felling* ou fluxo ótimo de experiência, e podem ocasionar uma perda momentânea do senso da realidade, perda da noção do tempo e da consciência de desgaste. Na fase inicial do desenvolvimento, o prazer e a motivação foram os principais fatores responsáveis para se alcançar a *expertise*, o que corrobora as conclusões de B. S. Bloom (1985).

2.2.4. - A Prática Deliberada de Ericsson

Ericsson, Krampe e Tesch-Römer (1993) em seu estudo sobre o desenvolvimento de músicos *experts*, sugeriram a “prática deliberada”, uma forma de prática altamente estruturada, que visa ao aumento da *performance*. Essa “prática deliberada” exige recursos para que se desenvolva o treinamento, motivação para realizar a tarefa e esforço para melhorar a *performance*.

Ericsson et al., 1993, sugerem que o meio ambiente é o principal responsável pelo desenvolvimento do talento, o qual depende da duração e da estrutura das atividades. Segundo esses autores, três tipos principais de atividades podem ser desenvolvidos: 1) trabalho, performance pública, competições, serviços realizados pelo pagamento e outras atividades diretamente motivadas pela recompensa externa; 2) jogos ou diversão, atividades sem metas específicas que são inerentemente prazerosas; 3) “prática deliberada”, atividade especialmente elaborada para melhorar o nível atual de performance. As metas, custos e recompensas destes três tipos de atividades diferem, assim como a frequência com que as pessoas os buscam.

A “prática deliberada” é definida como uma atividade altamente estruturada, e o objetivo específico é melhorar a performance. Tarefas específicas são criadas para superar as fraquezas (dificuldades), e a performance é cuidadosamente monitorada para proporcionar sugestões e meios de ser melhorada. A “prática deliberada” permite experiências de forma repetida, nas quais a pessoa pode dar atenção aos aspectos principais

da situação e melhorar sua performance gradualmente, em resposta ao conhecimento dos resultados, *feedback*, ou ambos, pelo professor.

De acordo com os autores, a “prática deliberada” requer esforço e não é inerentemente prazerosa. Ela não gera recompensas financeiras imediatas, gera despesas associadas ao acesso a professores e ambientes do treinamento. As pessoas são motivadas a praticar porque a prática melhora a performance. Assim é importante compreender suas conseqüências a longo prazo.

A maximização da “prática deliberada” não é simples nem provisória; ela se estende por um período superior a 10 anos e envolve a otimização de várias restrições: a) restrições de recursos - por requerer tempo e energia disponíveis por parte da pessoa, assim como acesso aos professores, material e condições de treinamento; b) restrições de motivação - por não ser inerentemente motivante, os praticantes a consideram um instrumento para alcançar melhorias na performance; c) restrições de esforço - por ser uma atividade extenuante que só pode ser mantida por um tempo limitado a cada dia, durante períodos longos, para que não leve à exaustão (ERICSSON et al., 1993).

Para se maximizarem os ganhos de uma prática a longo prazo, as pessoas devem evitar a exaustão e limitar a prática a um nível em que elas possam se recuperar completamente, em uma base diária ou semanal.

Em síntese, o *expert* pode ser melhor desenvolvido por meio do treinamento, da prática deliberada (ERICSSON et al., 1993), o que mostra a importância do ambiente e do treinamento (MORAES, DURAND-BUSH & SALMELA, 1999). Para se alcançar a excelência em qualquer domínio são necessários vários anos de prática e várias horas de

dedicação (ERICSSON et al., 1993), assim como passar por várias fases do desenvolvimento e etapas da carreira (B. S. BLOOM, 1985).

2.3. - Desenvolvimento do Expert no Esporte

No esporte, diferentemente de outras áreas, o reconhecimento da excelência se dá através das vitórias frequentes nas competições. Os grandes atletas não apenas sabem o que fazer em várias situações, como também sabem aplicar esses conhecimentos, traduzindo-os em ações apropriadas. O processo de aquisição da especialização envolve métodos de auxílio externo e social em direção à transição para a auto-regulação. Com a experiência, motivação e desenvolvimento, a dependência em relação a outras pessoas diminui, assim como aumenta a autoconfiança, o auto-ajuste, o autojulgamento e a auto-aprendizagem. A predisposição para o sucesso em esportes ou eventos específicos começa com a hereditariedade. A base genética da morfologia, a ausência de doenças e disfunções, além de um “temperamento ideal” para determinados esportes contribuem para se alcançar o potencial. Oportunidades, direcionamento, ajuda e reforço auxiliam a moldar esse potencial. Treinamento dedicado, por longos períodos de tempo, buscando atingir metas cada vez mais altas, autovalorização e competência completam o quadro de *expert* realizado (SINGER & JANELLE, 1999).

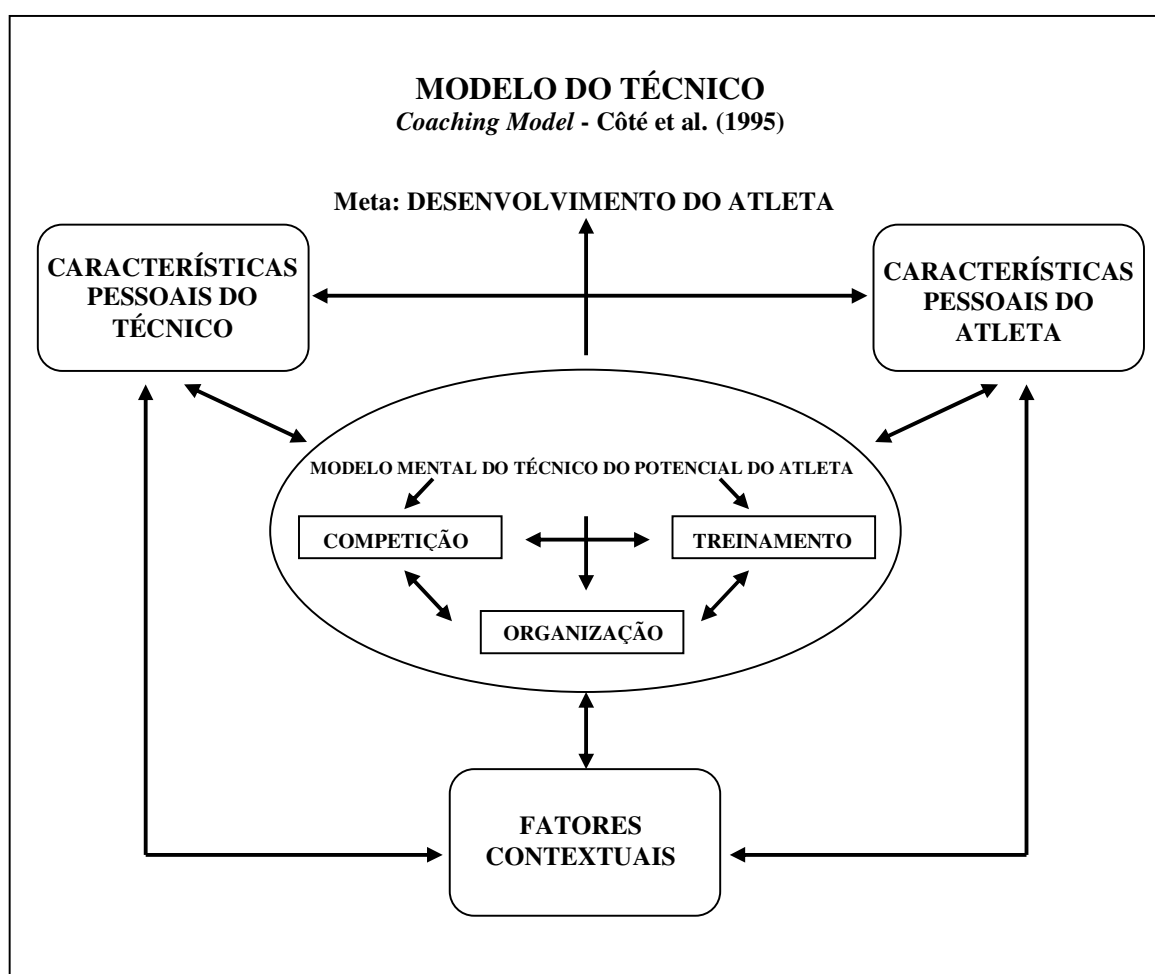
Vários trabalhos abordaram a participação dos técnicos e dos próprios atletas no desenvolvimento do *expert* esportivo, nas mais variadas formas e contextos, tais como: a estrutura de conhecimento de técnicos de alto nível da ginástica olímpica relacionados ao

treinamento e à competição (CÔTÉ, RUSSELL & SALMELA, 1995a); a estrutura de conhecimento de técnicos de alto nível da ginástica olímpica com relação à metodologia utilizada em seu trabalho (CÔTÉ, RUSSELL & SALMELA, 1995b); os estágios da carreira de técnicos de basquetebol canadenses de alto nível (SCHINKE, G. A. BLOOM & SALMELA, 1995); rotinas pré e pós-competição de técnicos de alto nível em esportes de equipe (G. A. BLOOM, DURAND-BUSH & SALMELA, 1997); desenvolvimento das habilidades de comunicação de técnicos de basquetebol de alto nível (G. A. BLOOM, SCHINKE & SALMELA, 1997); a importância do mentor no desenvolvimento de técnicos e atletas (G. A. BLOOM, DURAND-BUSH, SCHINKE & SALMELA, 1998); o estudo sistemático do comportamento de técnicos de alto nível no basquetebol durante o ensino (G. A. BLOOM, CRUMPTON & ANDERSON, 1999); características pessoais de técnicos de alto nível nos esporte de equipe (G. A. BLOOM & SALMELA, 2000) e o estudo da percepção do treinamento e da prática deliberada em corredores de meia distância (YOUNG & SALMELA, 2000).

No trabalho sobre as estratégias adotadas por técnicos de alto nível para o desenvolvimento de atletas de elite, Salmela (1996) apresenta os componentes do processo de treinamento de 21 técnicos de alto nível de basquetebol, voleibol, hóquei no gelo e hóquei na grama. Este estudo demonstra a importância do planejamento do treinamento e pode ser extremamente útil para envolver os pais no ambiente esportivo e orientá-los desde os primeiros anos da criança no treinamento e na competição.

2.3.1. - O Modelo do Técnico de Côté

O Modelo do Técnico - *Coaching Model* - (CÔTÉ et al., 1995), é um modelo representativo da organização e utilização do conhecimento de técnicos de ginástica olímpica, de alto rendimento. Foi desenvolvido a partir de uma pesquisa com 17 técnicos *experts* em ginástica olímpica do Canadá, para descrever o trabalho do técnico a partir de sua perspectiva. Essa pesquisa proporcionou uma base teórica para se compreender, formalizar e racionalizar o conhecimento do técnico e a forma como ele é utilizado para desenvolver o atleta, assim como abriu perspectivas para a pesquisa com técnicos. (Fig 1)



Esse modelo pode ser adaptado aos vários níveis de treinamento, dos iniciantes aos atletas olímpicos, e tem como objetivo principal o desenvolvimento do atleta. Na parte central, estão os processos do técnico, os componentes da competição do treinamento e da organização. Três variáveis interagem com o processo do treinamento e o afetam: as características pessoais do técnico, as características pessoais e nível de desenvolvimento dos atletas, e os fatores contextuais.

2.3.1.1. - Componentes centrais

As ações do técnico nos componentes da organização, treinamento e competição têm um impacto direto no objetivo, portanto, são definidos como processos do técnico.

1 - A *organização* envolve a aplicação do conhecimento do técnico, direcionado ao estabelecimento de condições otimizadas para o treinamento e a competição, através da estruturação e coordenação das tarefas envolvidas para se alcançar o objetivo. A tarefa de organizar pode ser realizada antes, durante ou após o treinamento e a competição, e inclui situações tais como planejar o treinamento, trabalhar com os assistentes, com os pais, e ajudar os atletas no que diz respeito às suas preocupações e dificuldades.

2 - O segundo componente do processo do técnico é o *treinamento* e envolve a aplicação do conhecimento de uma pessoa para ajudar atletas a adquirirem e desempenharem diferentes habilidades no treinamento. O tipo preferido de estilo de intervenção, o treinamento de habilidades técnicas e mentais e a utilização de

simulações são exemplos de categorias que caracterizam o componente do treinamento.

3 - Finalmente, o componente de *competição* consiste no uso do conhecimento para ajudar os atletas a apresentarem desempenho compatível com seu potencial na competição. Incluídas neste componente estão categorias tais como o papel dos técnicos nos locais (cidades) da competição e no ambiente específico (arena) da competição.

Os componentes da competição, treinamento e organização são constantemente monitorados e ajustados pelo técnico durante o processo do treinamento, de acordo com a forma com que esses três componentes interagem, e como eles são influenciados pelo modelo mental do técnico e do potencial dos atletas.

2.3.1.2. - Modelo mental do técnico em relação ao potencial dos atletas.

O modelo mental do técnico sobre o potencial dos atletas, que é determinado pela avaliação que o técnico faz dos componentes complementares, significa a representação mental do técnico acerca do que necessita ser feito para se alcançar o objetivo. Consiste no conhecimento do técnico sobre as ações que precisam ser desempenhadas nos componentes da organização, treinamento e competição. Propõe-se que o potencial estimado dos atletas pode ser aumentado ou diminuído, dependendo dos efeitos dos componentes complementares. Entretanto, as demandas emanadas do processo do treinamento são resolvidas sem afetar o modelo mental do técnico sobre o potencial dos atletas.

2.3.1.3. - Componentes complementares

Os componentes complementares podem ter um impacto, positivo ou negativo, no objetivo ao afetar o modelo mental que o técnico tem sobre o potencial dos atletas. Os três componentes complementares são: as características pessoais do técnico; as características pessoais e nível de desenvolvimento dos atletas; os fatores contextuais.

As “características pessoais do técnico” envolvem quaisquer variáveis que sejam parte da filosofia (percepções, crenças) ou da vida pessoal do técnico que possam influenciar os componentes da organização, treinamento ou competição.

O componente “características pessoais e nível de desenvolvimento dos atletas” envolve quaisquer variáveis que tenha a ver com o estágio de aprendizagem do atleta, as habilidades pessoais e outras características pessoais que possam afetar o processo de treinamento.

Finalmente, o componente “fatores contextuais” é definido como fatores instáveis, à parte dos atletas e do técnico, tais como condições de trabalho, estudos, família, que devem ser consideradas quando interferem nos componentes da organização, treinamento ou competição. Este componente também pode afetar positivamente ou negativamente o processo do treinamento.

Este modelo teórico demonstra a importância da organização e do controle do processo do treinamento e competição, como forma de desenvolver a performance do atleta, assim como dos fatores que devem ser considerados para a elaboração e ajustes do treinamento, que interagem no processo e interferem nos resultados.

2.4. - A Influência dos Pais no Desenvolvimento do Expert

No que diz respeito à influência da família no desenvolvimento de *experts*, em diversas áreas, as pesquisas têm buscado maior conhecimento sobre a forma como ela se processa.

Segundo Hellstedt (1987), “o conceito de envolvimento dos pais é um *continuum* do subenvolvimento, passando pelo envolvimento moderado, e chegando ao superenvolvimento”.

Esse autor define o subenvolvimento como “uma relativa falta de comprometimento emocional e financeiro ou funcional dos pais”. No envolvimento moderado, considerado como sendo o ideal, “os pais são firmes em suas orientações, dando suporte, mas permitem aos filhos tomarem as decisões sobre a participação e o nível de compromisso com o esporte; eles promovem o melhor interesse de seus filhos, mesmo se isto significar sacrificar seus interesses pessoais”. O superenvolvimento é definido como envolvimento excessivo por parte dos pais, “não sabendo separar seus próprios desejos, fantasias e necessidades daquelas dos seus filhos”. Hellstedt (1990) verificou ainda que baixos níveis de cobrança estavam relacionados a uma reação positiva, e altos níveis de cobrança indicavam reações negativas por parte dos filhos. O principal problema seria identificar o nível ideal de cobrança por parte dos pais para que seus filhos tenham uma reação positiva no treinamento e, principalmente, na competição.

A partir do estudo de B. S. Bloom (1985), que apresenta a participação dos pais de diferentes formas em cada fase de desenvolvimento, outros trabalhos importantes, como o

de Davidson, Howe, Moore e Sloboda (1996) com crianças que estudam música, demonstraram vários tipos de envolvimento dos pais no desenvolvimento da *performance* de seus filhos.

A metodologia utilizada no estudo de Davidson et al. (1996) adotou uma entrevista estruturada para aumentar a confiabilidade: a criança e os pais foram entrevistados independentemente, e encontraram-se evidências corroborativas para as respostas. Perguntou-se sobre muitos aspectos da vida musical da criança, incluindo o treino formal e informal e a percepção das crianças sobre o papel da música em suas vidas. As áreas investigadas foram: 1) o envolvimento dos pais nas aulas em diferentes idades; 2) o papel dos pais na iniciação da prática; 3) o envolvimento dos pais na supervisão das práticas das aulas em diferentes idades; 4-5) o envolvimento dos próprios pais com a música; 6) a mudança dos próprios pais no envolvimento com música durante o período do aprendizado de música da criança.

2.4.1. - O Ambiente e o Desenvolvimento do Expert no Esporte

Segundo Carlsson (1993), “o ser humano é uma entidade em desenvolvimento dinâmico influenciando e sendo influenciado pelo meio ambiente que o envolve”. As experiências e impressões subjetivas podem ser mais importantes do que o mundo objetivo. Esse autor encontrou no meio ambiente quatro diferentes estruturas que influenciam a pessoa, direta ou indiretamente: 1) um microsistema, como um clube esportivo, pais, amigos e o técnico, como um padrão de papéis, relacionamentos ativos e interpessoais vivenciados pela pessoa em desenvolvimento no meio ambiente mais próximo; 2) um

mesossistema, que consiste na inter-relação entre duas ou mais estruturas, como o clube esportivo e a família, com a participação ativa da pessoa em desenvolvimento; 3) um exossistema, onde eventos afetam a pessoa em desenvolvimento não ativa, como o status socioeconômico e a cultura esportiva local; 4) um macrossistema, que se refere às consistências no nível subcultural ou à cultura como um todo, tais como organizações esportivas nacionais ou sistemas políticos.

Nessa pesquisa sobre atletas jovens que obtiveram sucesso nos esportes, muitas questões são levantadas, tais como: o primeiro contato com os esportes, a influência dos pais, a interação com os técnicos e o ambiente e a quantidade de treinamento. Um ponto de vista fundamental de Carlsson (1993) é que “o sucesso em esportes competitivos não envolve apenas habilidades motoras e físicas, mas também a socialização em uma cultura em particular, a do esporte de competição”...“o impacto das experiências pessoais são considerados fundamentais para o desenvolvimento, assim como a interação com o ambiente da pessoa”.

A introdução da criança no esporte organizado foi determinada pelos interesses dos pais e dos amigos e, para um maior envolvimento, as crianças foram estimuladas pelos amigos, líderes e técnicos. “O apoio dos pais e a atitude positiva ao engajamento de seus filhos nos esportes foram extremamente importantes durante todo o período do crescimento” (Carlsson, 1993). Os amigos e os pais, principalmente as figuras paternas, foram muito importantes quando as crianças foram iniciadas, entre os sete e nove anos, em seu esporte “principal”. A maior parte das crianças era originária de famílias de classe média, e seus ambientes imediatos eram considerados seguros e harmoniosos durante o período de crescimento.

Os atletas das equipes nacionais suecas tinham um desenvolvimento motor mais favorável, durante seu período de crescimento, relacionado com o seu envolvimento com outros esportes de forma mais espontânea, no início da adolescência, antes de entrarem para os clubes esportivos. Eles se lembram também de serem menos cobrados pelos seus pais e técnicos para vencer e consideravam os treinamentos mais divertidos. “Isto aumentou a autoconfiança, a tolerância ao estresse e sua fé na capacidade de *performance* pessoal (mentalmente fortes)”.

2.4.2. - A Influência da Família no Desenvolvimento do Expert no Esporte

A base teórica do estudo de Côté (1999) é a estrutura fundamental proporcionada por Ericsson et al. (1993). Ela sugere que a aquisição da *performance de expert* envolve lidar com restrições de motivação, de esforço e de recursos.

No estudo dos padrões da dinâmica da família para o desenvolvimento do *expert* no esporte, Côté (1999) examinou diferentes fontes de influências familiares por meio de uma triangulação de dados (pais, atletas e irmãos) dentro da mesma família, comparando-se as perspectivas individuais de diferentes pontos de vista.

Foram encontrados três estágios de participação no esporte: a) os anos de experimentação (de 6 a 13 anos); b) os anos de especialização (de 13 a 15 anos); c) os anos de investimento (de 15 anos em diante), sendo estes similares às fases encontradas por B. S. Bloom (1985).

Nos “anos de experimentação”, “os pais eram responsáveis, inicialmente, por tornar seus filhos interessados em esporte”, e a maior ênfase neste estágio era vivenciar o divertimento e a agitação por intermédio do esporte. As características da dinâmica familiar neste estágio são: a) os pais proporcionavam oportunidades para seus filhos gostarem de esporte; b) todas as crianças da mesma família participavam em várias atividades extras; c) os pais reconheciam um “dom” na criança.

Nos “anos de especialização”, os atletas diminuía gradualmente seu envolvimento em atividades extracurriculares, concentrando sua atenção em uma ou duas atividades esportivas específicas. O divertimento e a agitação permaneciam como elementos centrais da experiência esportiva e “o desenvolvimento de habilidades esportivas específicas aparecia como uma importante característica do envolvimento da criança no esporte”. As características da dinâmica familiar são: a) o atleta tinha mais compromisso com um ou dois esportes; b) os pais enfatizavam a produtividade na escola e no esporte; c) os pais faziam um compromisso financeiro e de tempo com seus filhos-atletas; d) os pais desenvolviam um interesse crescente no esporte do filho-atleta; e) irmãos mais velhos serviam de imagem de comportamento ideal.

Por fim, nos “anos de investimento”, o compromisso do atleta de alcançar o alto nível no esporte ocorria em apenas uma atividade. Os elementos mais importantes neste estágio são o desenvolvimento da estratégia, da competitividade e de habilidades características do esporte. As características da dinâmica familiar são: a) o atleta aumentava o compromisso com um esporte; b) os pais apresentavam grande interesse no esporte do filho-atleta; c) os pais ajudavam os atletas a superar situações difíceis que atrapalhavam a progressão do treinamento; d) os pais demonstravam comportamento diferenciado em

relação a cada um dos filhos; e) irmãos mais novos ou gêmeos demonstraram animosidade e ciúmes em relação aos resultados alcançados pelos irmãos mais velhos.

O envolvimento dos pais, diferenciado nas distintas fases, foi apresentado como fator importante para o desenvolvimento do *expert*, e esse envolvimento foi aumentado com a melhora da *performance* dos filhos através da prática.

A família tem uma grande influência na escolha de um esporte, seu envolvimento a partir da iniciação esportiva até a participação em competições de alto nível passa por várias etapas de transição e suas atuações serão determinantes para o sucesso da carreira do atleta (WYLLEMAN, KNOPP, EWING & CUMMING, 2000). Essas transições na carreira dos atletas estão ligadas tanto à mudança na rotina diária de suas vidas, para poderem se dedicar à atividade escolhida, como também ao relacionamento e atuação de suas famílias e dos seus técnicos. Essa relação envolve características de cada uma dessas partes e o contexto sociocultural onde ocorre a formação dos atletas. Um estudo mais profundo desta situação pode aumentar a possibilidade de desenvolvimento do *expert* esportivo durante as fases de transição da formação do atleta (SALMELA, YOUNG & KALLIO, 2000).

Stein, Raedeke e Glenn (1999), em seu estudo sobre a percepção das crianças quanto ao nível de envolvimento dos pais no esporte, tanto sob o aspecto quantitativo, do baixo ao alto, quanto sob o aspecto qualitativo, afirmam que os “pais podem ajudar a criar diversão ao proporcionar apoio e encorajamento, ou eles podem ser uma fonte de estresse e ansiedade por colocarem excessiva pressão sobre as crianças”. O resultado de sua pesquisa, no entanto, revelou que pais não suficientemente envolvidos ou, ao contrário, excessivamente envolvidos representavam uma fonte adicional de estresse para os atletas.

Estes resultados estão de acordo com as afirmações de Hellstedt (1987, 1990) sobre os tipos de envolvimento da família no esporte.

2.4.3. - Os Pais e o Desenvolvimento do Expert Esportivo no Brasil

Os estudos relacionados ao desenvolvimento do *expert* e os modelos de desenvolvimento apresentados anteriormente (B. S. BLOOM, 1985; CSIKSZENTMIHALYI, RATHUNDE & WHALEN, 1993; ERICSSON, KRAMPE, & TESCH-RÖMER, 1993; CÔTÉ, SALMELA, TRUDEL, BARIA & RUSSELL, 1995; DAVIDSON, HOWE, MOORE & SLOBODA, 1996; Côté, 1999) foram realizados em países de primeiro mundo, isto é, em um contexto muito diferente de países em desenvolvimento, como o Brasil. Vianna Júnior, Moraes, Salmela e Mourthé (2001a, 2001b), em estudo realizado com atletas de ginástica rítmica, constataram um elevado grau de envolvimento dos pais no desenvolvimento de suas filhas, resultados semelhantes ao da literatura internacional. Todavia, a participação e influência dos técnicos e, principalmente, dos pais parecem ser muito diferentes das encontradas em outras realidades, como por exemplo, no futebol brasileiro, em que os atletas iniciam o treinamento, muitas vezes, de forma não-estruturada, mudam-se para as grandes cidades e passam a ter um contato com os pais cada vez menos freqüente (RABELO, 2002).

Artigos de autores nacionais se referem à família como fator socioeconômico que tem alguma influência na prática de atividades físicas dos filhos (FIGUEIRA JÚNIOR, 2000); os pais como fator gerador de estresse nas situações de competição precoce (DE

ROSE JÚNIOR, 1995); ou como modelos psico-sociais para as crianças e geradores de estresse e influência na *performance* da criança atleta (SOBRINHO, MELLO & PERUGGIA, 1997). Todavia, não foi encontrada na literatura qualquer pesquisa que abordasse a influência dos pais no desenvolvimento do *expert* esportivo no Brasil. Porém, um grupo liderado pelo Professor Dr. Luiz Carlos de Moraes, do qual este pesquisador faz parte, tem desenvolvido uma perspectiva que estuda as diferentes facetas do desenvolvimento do *expert* no esporte, entre elas a influência dos pais.

Essa nova linha de investigação no Brasil está fundamentada nos trabalhos realizados pelo Professor Dr. John H. Salmela, da Universidade de Ottawa, o qual, inicialmente, desenvolveu pesquisas no Canadá e nos Estados Unidos sobre o desenvolvimento de *experts* no esporte, do ponto de vista dos atletas e dos técnicos.

O trabalho de Moraes, Salmela, Rabelo e Vianna Júnior (2000a, 2000b) investigou a influência dos pais de jovens *experts*, jogadores de futebol de campo, nos três maiores clubes de Minas Gerais, do ponto de vista dos atletas. Os resultados mostraram pouco envolvimento por parte dos pais desses atletas, principalmente nas fases de formação (até sete anos de idade) e de desenvolvimento (de oito a doze anos), e a diminuição desse envolvimento na fase de especialização (acima dos treze anos).

Salmela e Moraes (2001) desenvolveram uma pesquisa que compara o desenvolvimento da *expertise*, utilizando perspectivas inter-culturais. Os resultados mostraram diferenças entre alguns esportes, como o futebol de campo no Brasil, geralmente praticados por pessoas de menor poder aquisitivo. Nesse caso, o envolvimento dos pais não se encaixava nos perfis encontrados na literatura internacional, mas, por outro lado, pais de atletas de ginástica rítmica desportiva, pertencentes à classe média alta, tinham um elevado

grau de envolvimento (VIANNA JÚNIOR et al., 2001a, 2001b), como descrito nos trabalhos internacionais.

Rabelo, Moraes e Salmela (2001) continuaram a pesquisa realizada com os jogadores de futebol, desta vez investigando a influência dos pais desses jogadores a partir do ponto de vista dos próprios pais. Os resultados coincidiram com aqueles achados nos trabalhos de Moraes et al. (2000a, 2000b), que investigaram o ponto de vista dos filhos.

Como piloto desta dissertação foi realizada uma pesquisa sobre a influência dos pais de atletas de Ginástica Rítmica Desportiva - GRD - (VIANNA JÚNIOR et al., 2001a, 2001b). Os autores encontraram resultados que coincidem com a literatura internacional, nas quais os pais tiveram um papel efetivo e constante, apresentando um elevado nível de envolvimento durante todas as fases de desenvolvimento das filhas.

Moraes, Salmela, Rabelo, Lima e Lobo (2001) encontraram também resultados que indicam um grande envolvimento dos pais no desenvolvimento de atletas de voleibol, também pertencentes à classe média.

Pesquisas da Psicologia do Esporte no Brasil, principalmente as relacionadas à influência dos pais e o desenvolvimento do *expert* no esporte, são escassas e não nos permitem chegar a uma conclusão sobre o contexto sociocultural, sem a realização de estudos mais aprofundados sobre a realidade do esporte brasileiro.

É necessário verificar se os modelos internacionais se aplicam a outras culturas, como a brasileira, e se os esportes praticados por pessoas de várias classes sociais são diferentes, e mensurar a participação dos atletas, técnicos e pais no desenvolvimento do *expert*.

Portanto, o objetivo deste estudo é investigar a influência dos pais no desenvolvimento de atletas jovens (15 e 16 anos) do tênis, colocados nos cinco primeiros lugares do *ranking* de Minas Gerais, na temporada de 2001. Através desta pesquisa, buscam-se respostas para questões como: a) Qual a influência dos pais na iniciação e no desenvolvimento da criança na busca da excelência no esporte? b) Existem, nos vários estágios de desenvolvimento, padrões identificáveis da dinâmica da família que possam caracterizar o sucesso dos atletas?

3 - Metodologia

3.1 - Tipo de Pesquisa

A pesquisa realizada consistiu em um estudo descritivo dos pais e respectivos filhos atletas de tênis, e com seus treinadores, na qual se buscaram informações sobre a participação dos pais no desenvolvimento dos filhos/atletas durante três fases de desenvolvimento: inicial (I), até os 7 anos; intermediária ou média (M), dos 8 aos 12 anos; e atual (A), dos 13 anos em diante.

Para este estudo optou-se pela utilização de uma abordagem qualitativa e quantitativa. A pesquisa qualitativa é uma fonte bem fundamentada, rica em descrições e explicações de processos em contextos que podem ser claramente identificáveis (Miles & Huberman, 1994). Ela permite ainda que se preserve a seqüência cronológica dos acontecimentos, mostrando com precisão os eventos que levaram a determinadas conseqüências, elucidando o fato estudado. Segundo esses autores, a abordagem qualitativa propicia: a) a elaboração ou desenvolvimento de análises que proporcionem detalhes mais ricos sobre o fenômeno estudado; b) a iniciação de novas linhas de pensamento baseadas na atenção em pontos emergentes ou paradoxos, possibilitando o surgimento de novas idéias; c) a possibilidade da confirmação e corroboração, via triangulação.

A triangulação é a utilização de múltiplos métodos, tipos e fontes de dados e pesquisadores, para corroborar, acentuar a validade e aumentar a confiabilidade dos

achados na investigação de pesquisa (MATHISON, 1988; MILES & HUBERMAN, 1994). Neste estudo, a triangulação foi realizada utilizando-se diferentes instrumentos de coleta (entrevistas de aprofundamento, questionários específicos e formulários) e informações fornecidas a partir de diferentes pontos de vista sobre o assunto (dos técnicos, atletas e pais).

3.2 - População

A população da pesquisa era composta dos cinco atletas masculino e feminino, melhor classificados entre os 108 atletas do sexo masculino e 18 do sexo feminino, ambos da categoria de 15 e 16 anos do *ranking* da Federação Mineira de Tênis (FMT) na temporada de 2001.

Foi realizado inicialmente um contato com os técnicos desses atletas e, através da entrevista com cada técnico, foi verificado qual dos pais tinha maior envolvimento no esporte do filho, definindo-se, assim, qual dos pais de cada atleta deveria ser entrevistado. Os objetivos da pesquisa foram informados e os voluntários deram ciência, assinando o consentimento pós-informado. Apenas uma atleta e seu pai não se interessaram em participar da pesquisa.

3.2.1 - Critérios de inclusão

Os participantes que concordassem em participar da pesquisa, deveriam preencher as seguintes exigências:

- Técnicos

- Ser técnico de pelo menos um dos atletas colocados entre os cinco primeiros lugares no *ranking* de 2001 da FMT.
- Aceitar participar da pesquisa.

- Atletas

- Ter entre 15 e 16 anos de idade na temporada de 2001.
- Estar classificado entre os cinco primeiros colocados no *ranking* de 2001 da FMT.
- Ter autorização dos pais para participar da pesquisa.
- Aceitar participar da pesquisa.

- Pais

- Ter o filho incluído nos critérios acima.
- Aceitar participar da pesquisa.

3.3 - Material Permanente Utilizado

Foram utilizadas as instalações do Laboratório de Psicologia do Esporte do Centro de Excelência Esportiva da Universidade Federal de Minas Gerais e as dependências dos clubes e a das residências dos participantes da pesquisa.

Material utilizado na pesquisa:

- 01 Gravador Sony
- 20 Fitas cassetes de áudio
- 01 Aparelho Dictator/Transcriber BI-85 SONY para transcrição de fitas cassete
- 02 Fones de ouvidos
- 02 Computadores K6-2 500mh
- 01 Impressora HP laser
- 02 Aparelhos de som

3.4 - Projeto piloto

Foram realizados dois pilotos para verificar se os instrumentos da coleta de dados eram eficientes para se obterem as informações que respondessem às questões da pesquisa.

Piloto 1

Esse piloto foi realizado com um técnico e 12 atletas na faixa etária de 16 anos, de uma equipe de voleibol masculina do interior do Estado. Utilizou-se a primeira versão do questionário dos técnicos, sendo este também aplicado aos atletas. O instrumento foi

eficiente, porém, posteriormente, foi modificado para buscar as informações mais relevantes do ponto de vista do técnico, originando o Questionário Demográfico com os Técnicos (Anexo 9).

Piloto 2

Esse segundo piloto foi realizado com 10 atletas de uma equipe de atletas de ginástica rítmica desportiva (GRD) da capital, sendo cinco da categoria infantil, entre oito e doze anos de idade e cinco da categoria adulta, entre 14 e 17 anos de idade, a técnica e com pelo menos um dos pais. Nesse piloto foi utilizado tanto o Formulário de Respostas Codificadas - FRC - (Anexo 7), seguindo o procedimento de Côté (1999), para se verificar o apoio dos pais através da frequência de respostas no FRC, quanto a entrevista semi-estruturada de aprofundamento, de acordo com o procedimento de Patton (1980), para constatar se o apoio dos pais marcado no FRC correspondia à narrativa tanto dos atletas como dos pais.

3.5 - Instrumentos

Cinco diferentes instrumentos foram utilizados para a coleta de dados: a) Formulário de Respostas Codificadas (pais e atletas); b) Questionário Demográfico com os Técnicos; c) Questionário Demográfico com os Pais; d) Entrevistas Semi-estruturadas e de Aprofundamento (técnicos); e) Entrevistas Semi-estruturadas e de Aprofundamento (pais e atletas).

a) Formulário de Respostas Codificadas (FRC): O FRC foi um instrumento de coleta de dados, utilizado durante a entrevista com os atletas e com os pais, para identificar a participação dos pais no desenvolvimento de seus filhos/atletas. Esse formulário foi adaptado e modificado do questionário utilizado por Davidson et al. (1996), que é integrado por um grupo de questões que avaliam o envolvimento dos pais em diferentes atividades durante o desenvolvimento de seu filho no tênis.

Nesse formulário, foram definidas 11 questões que continham de quatro a seis níveis de envolvimento cada uma, codificadas e organizadas de forma que representassem um *continuum* do envolvimento dos pais na atividade em questão (Anexo 7). As questões trataram dos seguintes fatores de envolvimento dos pais: 1) O envolvimento dos pais nas aulas em diferentes idades; 2) A influência dos pais na iniciação do treinamento; 3) O envolvimento dos pais na supervisão das lições em diferentes idades; 4-5) O envolvimento dos próprios pais com o esporte; 6) A mudança dos próprios pais no envolvimento com o esporte durante o período de aprendizagem esportivo das crianças; 7) A influência dos pais na escolha da carreira profissional do atleta; 8) A cobrança do estudo por parte dos pais, em relação ao esporte; 9) As atividades esportivas extras diárias do atleta; 10) As mudanças na rotina dos pais em função do esporte do filho; 11) A frequência com que os pais e os filhos se encontram.

Estas 11 questões estão agrupadas em quatro categorias, de forma a fornecerem informações sobre:

- 1) experiência esportiva vivida pelos pais (uma questão);
- 2) envolvimento dos pais no treinamento formal e informal dos filhos (seis questões);

3) influência dos pais nos estudos e futuro profissional dos filhos (duas questões);

4) rotina familiar (duas questões).

b) Questionário Demográfico com os Pais: Foi utilizado para levantamento de dados objetivos: nome, idade, endereço completo, telefone, nível de escolaridade, número de pessoas na casa, ocupação atual, estado civil, renda pessoal e familiar (Anexo 8)

c) Questionário Demográfico com os Técnicos: Foi utilizado para coletar os dados relativos aos técnicos: nome, endereço completo, telefone, *e-mail*, escolaridade, formação profissional, experiência anterior como técnico e como atleta, tempo de atuação, carga horária de trabalho com o tênis, atividades extras dos atletas e características dos atletas (Anexo 9).

d) Entrevistas Semi-estruturadas e de Aprofundamento com os Técnicos: Trata-se de uma entrevista gravada, baseada em uma guia de nove perguntas sobre participação dos pais, ajuda financeira, suporte aos filhos, influência da prática de esporte por parte dos pais, relacionamento com o clube e o técnico, orientações aos pais, para investigar o ponto de vista do técnico sobre a influência dos pais (DAVIDSON et al., 1996; CÔTÉ, 1999). (Anexo 10)

e) Entrevistas Semi-estruturada e de Aprofundamento com os Atletas e Pais: São o instrumento principal da pesquisa e foram baseadas nas questões constantes no Formulário de Respostas Codificadas, que serviram como linha base para a formulação das questões da entrevista (DAVIDSON et al., 1996; CÔTÉ, 1999).

A Entrevista Semi-estruturadas e de Aprofundamento, segundo Patton (1980), tem o objetivo de proporcionar maior conhecimento e mais detalhes sobre determinado tópico,

assunto ou frase, completando uma idéia ou pensamento que permite conhecer uma situação e a interação das pessoas com essa situação. A entrevista estruturada foi adotada com o objetivo de aumentar a confiabilidade dos dados coletados com os pais, atletas e técnicos através dos instrumentos utilizados.

3.6 - Coleta dos dados

O projeto de pesquisa, após ser aprovado pela Câmara Departamental e pelo Comitê de Ética da UFMG, foi encaminhado à Federação Mineira de Tênis e aos clubes de Minas Gerais cujos atletas participaram da pesquisa. Após o consentimento destes, os técnicos, atletas e pais foram contatados para que tomassem conhecimento do projeto e manifestassem seu interesse em participar.

Antes do início da coleta dos dados, os voluntários foram novamente informados sobre o objetivo da pesquisa, sobre seus direitos e deveres, e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 5 e 6). O processo de coletas de dados teve o seguinte procedimento:

- Questionário e entrevista com os técnicos;
- Entrevista com os atletas;
- Questionário e entrevista com pelo menos um dos pais.

As entrevistas foram conduzidas em local tranquilo, de forma individual, e foram gravadas para posterior transcrição. As entrevistas com os atletas, assim como com seus pais, versaram sobre a influência dos pais durante as três diferentes fases de

desenvolvimento de seus filhos/atletas: inicial, até os 7 anos; média, dos 8 aos 12 anos, e atual, dos 13 em diante.

O FRC foi usado como orientação básica da investigação, e as perguntas das entrevistas eram direcionadas de acordo com o assunto de cada uma de suas questões. O formulário foi preenchido pelo próprio investigador, orientado pelas respostas da entrevista semi-estruturada e de aprofundamento, procurando-se a resposta que melhor correspondesse ao *continuum* do envolvimento dos pais. Assim que a resposta se encaixava em algum dos níveis de envolvimento, estas eram marcadas no FRC. Caso as respostas dos entrevistados pudessem enriquecer as situações investigadas, o pesquisador estimulava o entrevistado a se aprofundar naquela questão.

Os dados da pesquisa foram coletados na seguinte ordem:

- Técnicos: Questionário Demográfico com os Técnicos (Anexo 9) e Entrevista Semi-estruturada de Aprofundamento (Anexo 10).
- Atletas: Entrevista Semi-estruturada e de Aprofundamento e Formulário de Respostas Codificadas (Anexo 7).
- Pais: Questionário Demográfico com os Pais (Anexo 8), Entrevista Semi-estruturada de Aprofundamento e Formulário de Respostas Codificadas (Anexo 7).

3.7 - Análise dos dados

3.7.1 - Formulário de Respostas Codificadas

O FRC constava de 11 questões e, para melhor compreensão e análise dos resultados, essas questões foram divididas em quatro categorias: 1) experiências esportivas vividas pelos pais (uma questão); 2) envolvimento dos pais no treinamento formal e informal dos filhos (seis questões); 3) influência dos pais nos estudos e futuro profissional dos filhos (duas questões); 4) rotina familiar (duas questões).

O envolvimento dos pais no desenvolvimento dos filhos/atletas de tênis foi determinado calculando-se a frequência das respostas, expressa em percentagem, em cada um dos níveis de envolvimento de cada questão, considerando-se cada uma das fases: inicial, média e atual.

Por ser uma avaliação subjetiva, que compara duas ou mais variáveis dependentes (as fases inicial, média e atual) em relação a uma variável escalar (envolvimento dos pais), a análise estatística requer testes “não-paramétricos”, baseados nos postos/posições (do indivíduo na população) das medidas das variáveis em cada tratamento (questão investigada). Para tal, utilizou-se o teste de *Friedman*, para verificar possíveis alterações no envolvimento dos pais, ao longo das três fases, assim como o teste concordância de *Spearman*, para correlacionar as respostas dos pais com as dos filhos. O nível de significância adotado foi de 5% ($p < 0,05$).

3.7.2 - Questionários

Tanto no questionário dos pais quanto no dos técnicos as respostas complementares enriqueceram as informações a respeito do envolvimento dos pais e sobre aspectos técnicos importantes para se estabelecer o nível técnico e de desenvolvimento dos atletas. Algumas perguntas foram analisadas a partir das frequências das respostas nos questionários, apresentadas em valores percentuais, enquanto outras foram analisadas quantitativamente por meio de análise estatística composta de média e desvio padrão, para melhor caracterização da amostra.

3.7.3 - Entrevista Semi-Estruturada e de Aprofundamento

A principal fonte de informações da pesquisa foi a Entrevista Semi-Estruturada e de Aprofundamento, realizada com os atletas e com os pais. A análise de conteúdo das entrevistas foi feita de acordo com a metodologia e os procedimentos descritos por Côté, Salmela, Baria e Russell (1993), para a organização e interpretação dos dados. Essa análise foi feita, de acordo com a metodologia desses autores, em três momentos distintos: 1) transcrição; 2) organização dos dados; 3) interpretação dos dados.

- 1) Transcrição – Utilizou-se um aparelho SONY Dictator/Transcriber modelo BI-85 para a transcrição das entrevistas gravadas em fitas cassete. Procurou-se manter ao máximo a fidelidade dos diálogos, só havendo

correções de concordância em casos extremos para garantir a compreensão e o sentido das declarações.

- 2) Organização dos dados – Depois de transcritas as entrevistas foram divididas em pequenos textos, chamados de *meaning units* (MUs), que expressavam uma idéia ou informação compreensível. As MUs eram rotuladas de acordo com o conteúdo das informações, baseando-se principalmente nas questões do FRC. Cada entrevistado tinha um código pré-definido, sendo **T** para os técnicos, **AM** e **AF** para os atletas do sexo masculino e feminino, respectivamente, **PM** e **PF** para os pais de atletas masculinos e pais de atletas femininos, respectivamente, seguidos do número determinado para sua identificação. Assim, o rótulo seguido de letras e números, como por exemplo, “envolvimento dos pais em eventos esportivos – PM8” significa uma declaração do pai do atleta masculino número oito, sobre a questão número quatro do FRC.
- 3) Interpretação dos dados - As MUs foram selecionadas nas narrativas e agrupadas de acordo com as a comparação e similaridade das idéias expressas nas informações declaradas. As idéias ou informações agrupadas e rotuladas davam o suporte necessário para a marcação do nível de envolvimento estabelecido nas questões investigadas no FRC sobre os vários níveis de envolvimento dos pais.

3.8 - Cuidados Éticos

O projeto do estudo com todas as informações e procedimentos necessários ao seu desenvolvimento, que recebeu o título “O Papel dos Pais no Desenvolvimento de Jovens Atletas do Tênis”, foi enviado ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais e aprovado. A pesquisa respeitou todas as normas estabelecidas pelo Conselho Nacional de Saúde para pesquisas com seres humanos.

Inicialmente, foi realizado um contato com a Federação Mineira de Tênis e esclarecido o propósito e os procedimentos da pesquisa. Foi ainda solicitado o *ranking* da federação, categorias 15 e 16 anos, masculino e feminino, do ano de 2001, uma vez que os dados se referiam aos cinco primeiros colocados no *ranking*, nestas categorias.

Após determinar quais atletas e técnicos se encontravam nas posições do *ranking* pré-estabelecidas pelos pesquisadores, foram enviadas cartas que solicitavam autorização e consentimento dos clubes aos quais eles pertenciam (Anexo 3), para que pudessem participar da pesquisa, assim como à Escola de Educação Física da UFMG (Anexo 2). Todos concordaram prontamente.

Os técnicos, atletas e pais receberam todas as informações a respeito da pesquisa, assim como do caráter voluntário de sua participação. Antes de cada entrevista era entregue o Formulário de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 4), que continha todas as informações, assim como os telefones de contato caso fossem necessárias quaisquer informações adicionais. Caso concordassem, em seguida era entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexos 5 e 6), no qual eles aceitavam, por escrito,

participar da pesquisa, concordavam com os procedimentos e ficavam cientes de que, em qualquer momento, poderiam deixar de participar da pesquisa, sem qualquer prejuízo pessoal. Todas as precauções para resguardar a identidade dos participantes foram tomadas, e a saúde e o bem-estar destes estiveram sempre acima de qualquer outro interesse.

4 – Resultados

Este capítulo foi organizado em função do objetivo proposto na pesquisa, qual seja, verificar a influência dos pais através do seu envolvimento nas atividades esportivas dos, no desenvolvimento dos seus filhos/atletas, jogadores de tênis. Não houve diferença entre os resultados encontrados nas respostas dos pais e dos atletas na entrevista e no FRC, sendo esses resultados apresentados conjuntamente. Os resultados são mostrados na seguinte ordem:

- a) informações sobre os técnicos;
- b) informações sobre os pais;
- c) informações e envolvimento dos pais no desenvolvimento dos filhos/atletas no tênis.

No total, foram entrevistados quatro técnicos, nove atletas de tênis da categoria 15-16 anos, sendo cinco do sexo masculino e quatro do sexo feminino, e nove pais, sendo pelo menos um de cada atleta entrevistado. Apenas uma atleta entre as que preenchiam os requisitos para participar da pesquisa não se interessou em participar.

4.1 – Informações sobre os Técnicos

O Questionário Demográfico com os Técnicos (QDT) mostrou os seguintes níveis de escolaridade: primeiro grau incompleto (um técnico), segundo grau completo (um técnico), curso superior (dois técnicos), sendo que apenas um era formado em educação física.

A idade dos técnicos era em média de 36,50 ($\pm 1,73$) anos, na época da entrevista. Sua carreira como tenistas iniciou-se, em média, aos 13,00 ($\pm 4,32$) anos de idade, sendo que um deles começou a jogar aos nove anos (T1) e outro, o que começou a jogar tênis mais tarde, iniciou-se nesse esporte aos 19 anos (T2). Sua experiência como atleta em competições nacionais era, em média, de 3,03 ($\pm 2,52$) anos, variando de nenhum tempo de experiência (T3) a seis anos de experiência (T1) (Tabela 1).

A experiência dos entrevistados como técnico de tênis era, na época da entrevista, de 15,50 ($\pm 2,08$) anos, em média; como técnicos em competições nacionais a média caiu para 6,13 ($\pm 5,56$) anos, e como técnicos em competições internacionais, a média foi de 3,50 ($\pm 5,20$) anos (Tabela 1).

TABELA 1
Idade e Nível de Experiência dos Técnicos, em anos.

	T1	T2	T3	T4	Média ± dp
Idade dos técnicos	39	36	35	36	36,50 ± 1,73
Idade em que começou a jogar tênis	9	19	13	11	13,00 ± 4,32
Tempo como atleta em competição nacional	6	1	0	3	3,03 ± 2,52
Tempo como técnico	13	15	16	18	15,50 ± 2,08
Tempo como técnico em competição nacional	13	8	0	4	6,13 ± 5,56
Tempo como técnico em competição internacional	11	0	0	3	3,50 ± 5,20

Os nove atletas que participaram da pesquisa eram treinados por quatro técnicos, assim distribuídos: cinco atletas eram treinados pelo Técnico 1, um atleta pelo Técnico 2, dois atletas pelo Técnico 3 e um pelo Técnico 4. Cada técnico treinava em média, 15,25 ($\pm 8,62$) atletas na categoria 15 e 16 anos e 11,00 ($\pm 9,06$) atletas na categoria 17 e 18 anos (Tabela 2).

TABELA 2
Atletas entrevistados e número de atletas em treinamento com estes técnicos

	T1	T2	T3	T4	Média ± dp
Atletas entrevistados nesta pesquisa	5	2	1	1	
Atletas em treinamento na faixa de 15 e 16 anos	25	20	8	8	15,25 ± 8,62
Atletas em treinamento na faixa de 17 e 18 anos	10	10	23	1	11,00 ± 9,06
Assistentes em quadra	2	5	1	2	

Com as categorias de 15-16 anos os técnicos trabalhavam, em média, 11,30 ($\pm 2,50$) horas por semana, das quais 2,67 ($\pm 0,58$) horas, em média, eram gastas na elaboração do

treinamento, quatro ($\pm 2,00$) horas, em estudos relacionados ao tênis, e 1,83 ($\pm 0,76$) hora, em reunião com os auxiliares. Os técnicos declararam ainda que 7,17 ($\pm 1,26$) horas, em m dia, eram utilizadas para o treinamento técnico tático, das quais 1,32 ($\pm 0,88$) hora era destinada ao treinamento teórico. A prepara o física dos atletas demandava, em média, 3,83 ($\pm 1,61$) horas por semana, e esta era feita fora do horário do treinamento, em academia ou com um preparador físico. Um técnico (T2) dedicava uma hora e meia por semana ao treinamento mental (Tabela 3).

O técnico que atuava no interior (T3) descreveu que seu trabalho desenvolvido era mais voltado para o lazer e aspecto social do esporte e não para o treinamento de competi o.

TABELA 3

Tempo dedicado por semana às atividades do treinamento, em horas

	T1	T2	T3*	T4	Média \pmdp
Para treinamento (categoria 15-16 anos)	10	10	10	15	11,30 \pm 2,50
Para elaborar o treinamento	2	3		3	2,67 \pm 0,58
Para estudos relacionados ao tênis	2	4		6	4,00 \pm 2,00
Para reuniões com os auxiliares	2	1		2:30	1,83 \pm 0,76
Para treinamento teórico (incluído no prático)	1	2		1:40	1,32 \pm 0,88
Para treinamento prático	7	6		8:30	7,17 \pm 1,26
Para prepara�o física	4	4:30		5	3,83 \pm 1,61
Para treinamento mental	0	1:30		0	

* O Técnico 3 declarou que seu trabalho não se encaixava no esquema apresentado pelos demais.

4.1.1 – Declarações dos Técnicos na Entrevista Semi-estruturada e de Aprofundamento

Através da Guia de Entrevista Semi-estruturada e de Aprofundamento com os Técnicos (Anexo 10), contendo nove questões relativas ao envolvimento dos pais dos atletas no treinamento, as respostas mostraram que os técnicos percebiam o apoio dos pais de várias formas.

1. Qual é a participação dos pais no desenvolvimento de seus filhos depois que estes iniciaram a prática neste clube?

O (AM1) o pai dele apóia de uma maneira distante, apóia tudo que é colocado pela gente, a programação que é feita, o pai sempre apoiou, nunca teve nenhum questionamento ou problema em relação a isso. (T1 – sobre o PM1)

A (AF2) foi a atleta que nos sentimos a maior dificuldade aí, a nível de interferência dos pais...No início a interferência era no sentido de palpite técnico mesmo, palpite de jogo, e hoje já tá um problema até sanado, nós temos um relacionamento muito bom com ele, e foi conversado muito com ele e talvez no início tinha um pouco de receio pouca confiança no que ia ser feito com ela, e agora ele transmite para agente uma tranqüilidade em relação ao trabalho que a (AM2) está fazendo lá. (T1 – sobre o PF2)

O caso do (AM3) é diferente, o (AM3) é um menino que começou tarde, com 13 anos, e o pai sempre ajudou muito, a mãe também, participam, a ponto de o pai hoje ter uma participação na academia, entrou e tá aqui com a gente, o apoio é total, deles. (T2 – sobre o PM3)

2. Os pais participam de maneira negativa no desenvolvimento do seu filho?

Não, eu acho que o único problema negativo seria nesse de cobrança de resultado, que quem interferia, em relação a isso era o pai da (AF2) e esse ano teve uma diminuição muito grande e ele parou. No ano de 2001 existia e a gente chegou até a discutir. Isso prejudicou a atleta, ela reclamava, já chegou a pedir para a gente para ele não ver jogo, ‘Ah, quando ele vê jogo me atrapalha’ então eu acho que você tem que falar com ele isso... Foi conversado isso... ele gosta de ver os jogos dela, eu acho que é importante até, ver, mas ele já não se manifesta, principalmente

durante o jogo, depois da partida é difícil a gente controlar, isso é coisa de pai e filho e ele tem até o direito de dar a opinião, mas ele tem demonstrado que ele está se controlando quanto a isso. (T1 – sobre o PF2)

O (PM3), pai do (AM3), algumas vezes, a expectativa dele às vezes ela atrapalha um pouco, o rendimento do (AM3), ele se sente pressionado, alguma coisa assim. Porque é um menino que tomou uma decisão, agora em relação ao tênis, tá levando muito a sério, então com a melhor das boas intenções, as vezes o (PM3) atrapalha um pouco, mas é uma pessoa que você..., assim que a gente detecta isso, percebe esse tipo de coisa, dá um toque, conversa com ele...ele sai numa boa, e confia, só um pouco disso, também é assim uma pessoa fantástica. (T2 – sobre o PM3)

3. Os pais ajudam seus filhos financeiramente, com um valor além do que recebem do clube?

Eles tem que ajudar financeiramente os filhos, 100% não, o treinamento de tênis do (clube) até 2001 era pago, o treinamento. Alguns jogadores tinham uma gratuidade, de acordo com o nível de resultado essa gratuidade era mensal, e sempre tiveram a ajuda de inscrição e transporte para todos os eventos que eles eram convocados a participar. Sendo que a ajuda sempre extrapolava isso, a verba que o clube oferecia pro evento, era uma verba “xis”, que dessa verba é tirada a inscrição é tirada o transporte e a despesa dos técnicos, com esse evento e o que sobra é rateado entre os jogadores que fazem resultado nesse evento... A ajuda é em função de resultado, ganha mais quem teve um resultado melhor. (T1)

Gasto do pai por ano – *Mais ou menos, colocando um torneio por mês, 10 torneios por ano, fora de BH, eles devem ter gastado em média no máximo no ano uns R\$ 5.000,00. A média de gasto em um torneio vai de R\$ 200,00 a R\$ 300,00. (T1)*

O caso do (AM3), mesmo antes do (PM3) ser sócio da academia, a academia sempre ajudou, porque o treinamento dele é um treinamento dispendioso, ocupa uma quadra sozinha, duas, três horas por dia, meu trabalho como técnico, então a academia banca todo o treinamento dele, e paga as inscrições nos torneios. Só que existem os custo de viagem, no caso dele o custo de viagem é muito alto, por exemplo, nós viemos agora do interior de São Paulo. Tirando inscrição, tirando isso tudo, eu fui no meu carro pra tentar aliviar, é uma viagem que se gasta, nós tivemos uns 4 dias na casa de uma pessoa, que nos recebeu, a gente nem tava contando com isso, mas é uma viagem que fica num R\$ 1.500,00-R\$ 1.600,00, o (PM3) tava bancando, então ele ajuda assim, o que pode. O calendário dele é puxado, por exemplo ele vai ficar essa semana aqui, na semana que vem ele vai pra Goiânia, de Goiânia ele vai lá pra Bauru de novo, depois ele fica uma semana aqui, depois ele vai fazer um circuito no nordeste, o pai banca tudo. A academia tá correndo atrás de patrocínio, também. A academia ajuda no caso do (AM3), em mais algumas coisinhas, tipo uma passagem, muitas vezes a gente paga uma

passagem, paga uma estadia, ajuda com o que pode. Mas mesmo assim existe uma despesa para o (PM3) muito alta. (T1)

4. Qual é o tipo de suporte, apoio, que os pais dão para os seus filhos/atletas durante a sua permanência neste clube?

O principal apoio, é o estímulo, eles não participam efetivamente do treinamento, eles participam levando o atleta ao clube, com condução, buscando... As competições em BH eles estão presentes, é aberto aos pais viajar, eles até viajavam mais que quando era proibido, quando foi aberto... a condição era de não ficar no mesmo quarto, isso é uma condição que nós colocamos, mas acontece de ficar quando a gente sente que é até necessário, que pode ajudar a gente, nós é que decidimos isso. Pode ir no ônibus com a delegação, caso tenha lugar, fica no mesmo hotel, vai assistir o jogos, eles são bem-vindos até nesse sentido, porque o tempo mostrou que eles tem muito para ajudar e muito pouco para atrapalhar, desde que a gente saiba lidar com isso. (T1)

Assistir o menino jogar, assistir um jogo, ver um treino, uma participação nesse sentido. Isso eu acho importante, eu acho que tem que ter, no caso o (PM3) é muito presente, totalmente presente em todos os sentidos. (T2)

5. Os pais praticarem esportes influenciou de alguma forma no desenvolvimento do filho?

O pai do (AM1) jogava tênis, acredito que (AM1) tenha começado a jogar tênis por causa do pai, não posso te precisar. A (AF2), os pais jogam tênis, a mãe joga tênis bem, me parece que joga a mais tempo. A (AF4) é que o pai joga tênis, hoje a mãe também joga. A maioria os pais jogam, tem essa influência sim, eu acho que tem, é uma coisa meio hereditária. (T1)

6. Alguma outra participação dos pais que considera importante no desenvolvimento, considerando aspectos negativos como positivos?

Hoje eu acho que o pai é fundamental no desenvolvimento do filho/atleta. Em todas as situações, inclusive no filho/atleta. Eu acho que ele tem a participação fundamental e nós temos que trabalhar no sentido de orientar esse pai a seguir o caminho certo, a influenciar e ajudar o filho nas coisas que interessam a nós técnicos e construa no crescimento do menino...O trabalho que a gente faz não é uma coisa programada, mas existe esse trabalho, existe a intenção nossa de ter uma aproximação maior e mesmo assim até hoje temos muitos problemas com pais. (T1)

7. Qual é a interferência dos pais junto ao clube?

Existe reuniões trimestrais, vamos colocar que nós temos 3 a 4 reuniões por ano com os pais, no departamento de tênis. Poderia ser um pouco mais também...a gente coloca, resultados, o que foi feito nesse trimestre e coloca também alguns casos individuais, aí trato individualmente com os pais. Pode ajudar no sentido...o menino tá faltando muito, o menino não tá se empenhando, vamos ver se a gente consegue trabalhar junto. Alguns problemas individuais a gente procura puxar o pai pra junto da gente pra tentar ajudar na solução desse problema. (T1)

O (PM3) sempre apoiou muito a academia, a gente sente um elogio, uma confiança muito grande, essa confiança é total, isso aí é muito positivo. Eles dão pra gente meios de trabalhar com os meninos, numa boa, a confiança é nesse sentido. (T2)

8. De que forma os pais o procuram para ajudar os filhos?

Apoiando na decisão dos filhos, deixa eu te dar um exemplo: O (AM2) estudava no (colégio) e pediu pra mudar de colégio que ele quer treinar dois horários, ele realmente quer se dedicar ao tênis numa maneira mais forte. A mãe procurou a gente, tivemos uma reunião com ela, com o (AM2), ponderamos algumas coisas, mas ela nessa reunião ela colocou que o que a gente e ela achar que vai ajudar, vai dar chance...a preocupação dela, ele tem potencial pra jogar, tem, vale a pena investir num ensino um pouco mais fraco a nível de escola pra ele poder se dedicar. Nós questionamos isso mas ela falou – Eu tou disposta até a fazer isso, a colocar ele num colégio mais fraco, pra que ele possa... Então o apoio que eu sinto dos pais é esse, dar pro filho o gás a linha, pra se ele quiser ir mais longe. (T1)

Eles a ajudam no que podem, são muito abertos, por exemplo, muitas vezes a gente quer conversar com eles, porque a gente chama os pais, eles são altamente abertos, eles vêm conversar com a gente, a gente dá o retorno, o tempo todo, eu trabalho com os pais. (T2)

9. Que orientações você passa aos pais no sentido de ajudar aos filhos?

É mais individualizado, porque os meninos são completamente diferentes e a maioria deles, eles tão numa idade que tá exigindo uma atenção maior, porque os caras são adolescentes, então eles tão tendo outras..., tão tendo acesso a outras coisas, tão tendo outros interesses. O grande problema que está acontecendo que a gente sente nessa idade, é dos meninos se dedicarem ao tênis de uma maneira intensa. Os que realmente se dedicam a isso conseguem resultados melhor, então o que a gente coloca pros pais é isso, nós tamos procurando pedir a ajuda dos pais no sentido de conscientização do menino, ou da menina, de empenho, de profissionalizar, profissional não é a palavra, né, de empenho, principalmente no treinamento. Você pedir empenho em competição não precisa, todos eles entram na quadra e querem jogar, então é no empenho de trabalhar duro, de fazer as coisas

certas. O problema maior que nós temos com eles é esse, e muitas vezes os pais podem ajudar nesse sentido. (T1)

Desde a época que eu jogava, meu pai não era, bom só pra ilustrar, meu pai não era um cara muito presente, pouco via jogo meu, pouco via treinamento, mas sempre me apoiou muito. A gente não tinha condição de jogar tênis e ele me propiciou jogar. Mas, desde essa época, muitos casos os pais se espelham nos meninos e até hoje isso acontece, né. Você pai aí, querendo reproduzir no filho uma frustração que ele, ou um insucesso que não teve num esporte, ou em qualquer outra coisa. É o que você mais vê, e é o que a gente vem trabalhando, mais intensamente, em cima deles em cima deles é isso, de permitir com que os meninos se divirtam, joguem, é um esporte competitivo, eles tão numa equipe de competição, resultado é importante, pra nós e pra eles, então a gente tenta conciliar, né. Administrar bem essa cobrança e tentando mostrar pros pais, que o menino trabalhando sério, treinando direitinho ele vai evoluir, conseqüentemente ele vai conquistar isso. Eu acho que a conquista é muito mais do jogador..., eu aprendi isso nesses anos todos, eu sinto isso e tenho certeza disso, é muito mais do jogador do que nossa, os técnicos. A gente direciona, a gente encaminha os meninos, agora os que tem habilidade pra perceber a direção e investir nisso, esses se destacam. Tanto que numa mesma estrutura onde treinam 40-50 meninos, tem 10 que se destacam, e não é só pela qualidade técnica, eu acho que é pela capacidade dele de absorver essa idéia, essa filosofia. E eu acho que o objetivo nosso com os pais é esse, é procurar que os pais mostrem isso pra eles. Tirar um pouco aquela cobrança dos resultados, de perdeu tá ruim, ganhou tá bom. (T1)

O tempo todo a gente coloca, a gente orienta em todos os sentidos. Muitas vezes, passando a mão na hora que não é pra passar a mão na cabeça, muitas vezes a gente percebe pela vivência, também, esses anos todos trabalhando com menino, a hora de não cobrar porque não era hora pra cobrar. Agora não é a hora de ver um jogo, e ver com outros olhos muitas vezes, a pessoa tá ali, tá vendo um jogo, ele tá vendo só o resultado do jogo, não tá vendo – Pô, você lembra dessa direita dele, como é que era, olha como é que melhorou esse golpe, olha como é que evoluiu esse saque! (T2)

4.2 - Informações Sobre os Pais

Na entrevista, foi solicitado aos técnicos que indicassem qual dos pais dos atletas era o mais envolvido com o treinamento do filho no tênis, sendo este o escolhido para a

entrevista. As informações iniciais com os pais foram coletadas através do Questionário Demográfico com os Pais (Anexo 8); em seguida, foi realizada a Entrevista Semi-estruturada de Aprofundamento, orientada pelas 11 questões do FRC, em que as respostas eram marcadas dentro do *continuum* de envolvimento.

4.2.1 – Dados demográficos dos pais

A idade dos pais entrevistados na pesquisa era, em média, de 49,8 ($\pm 7,50$) anos, sendo que os pais das atletas do sexo feminino eram um pouco mais velhos do que os pais dos atletas do sexo masculino: 53,3 ($\pm 10,87$) e 47,0 ($\pm 1,41$) anos, respectivamente (Tabela 5). As famílias entrevistadas eram compostas, em média, por 3,4 ($\pm 1,74$) pessoas, sendo 4,4 ($\pm 1,34$) nas famílias dos atletas do sexo masculino e 2,3 ($\pm 1,50$) nas famílias de atletas do sexo feminino. O número de pessoas que trabalhavam fora, em cada família, era, em média, 2,1 ($\pm 0,83$). Dos pais entrevistados, um era solteiro, seis eram casados e dois separados (Tabela 4).

TABELA 4

Idade dos pais, porcentagem de casados e número de pessoas por família.

	Atletas do sexo masculino (Média \pm dp)	Atletas do sexo feminino (Média \pm dp)	Total (Média \pm dp)
Idade dos pais (anos)	47,0 \pm 1,41	53,3 \pm 10,87	49,8 \pm 7,50
Pessoas por família	4,4 \pm 1,34	2,3 \pm 1,50	3,4 \pm 1,74
Pessoas que trabalham na família	2,2 \pm 0,84	2,0 \pm 1,0	2,1 \pm 0,83
Casados	80%	50%	66%

Um dos pais entrevistados tinha segundo grau completo de escolaridade e oito pais haviam completado o curso superior (cinco pais de atletas do sexo masculino e três de atletas do sexo feminino). Destes últimos, quatro tinham pós-graduação em nível de especialização (três pais de atletas do sexo masculino e um de atleta do sexo feminino) (Tabela 5).

TABELA 5
Nível de escolaridade dos pais entrevistados

Nível de escolaridade dos pais entrevistados	Atletas do sexo masculino	Atletas do sexo feminino	Total
2 ° grau		1	1
Universitário	5	3	8
Especialização	3	1	4

Os resultados da pesquisa mostraram que as famílias pertenciam à classe média alta. A renda familiar distribuía-se da seguinte forma: uma família tinha renda entre 10 e 20 salários mínimos (SM), seis famílias tinham renda entre 20 e 40 SM e duas famílias apresentavam renda acima de 40 SM. O valor do salário mínimo era de R\$ 200,00 (duzentos reais) e do Real em relação ao Dólar americano era de US\$ 1,00 = R\$ 2,50, na época da entrevista (Tabela 6).

TABELA 6
Renda familiar dos pais, em salários mínimos

Renda familiar, em Salários Mínimos	Atletas do sexo masculinos	Atletas do sexo femininos	Total
De 10 a 20		1	1
De 20 a 40	4	2	6
Acima de 40	1	1	2

Obs. Valor do salário mínimo (SM) de referência: R\$ 200,00. US\$ 1,00 = R\$ 2,50

4.3 - Entrevista Semi-estruturada e de Aprofundamento e Formulário de Respostas Codificadas.

O instrumento principal para a coleta de dados sobre a influência dos pais no desenvolvimento dos tenistas foi a Entrevista Semi-estruturada e de Aprofundamento. Essa entrevista foi feita com base nas questões do FRC, utilizado como linha de direcionamento, e as respostas relativas às declarações fornecidas pelos atletas e pelos pais foram preenchidas, pelo investigador, dentro do *continuum* do envolvimento dos pais no desenvolvimento dos atletas de tênis.

O envolvimento dos pais é mostrado em cada uma das respostas dadas às 11 questões do FRC, em frequência percentual (Anexo 11).

Através do teste de análise de variância por postos de *Friedman* (χ^2_p), procurou-se verificar as mudanças de comportamento dos pais, com o passar do tempo, de uma fase (inicial, média e atual) para a outra. Foi adotado um nível de significância de 5% ($p < 0,05$) (Anexo 12).

O teste de correlação por postos de *Spearman* (r_s) foi utilizado para se verificar a congruência das declarações fornecidas pelos filhos e pelos pais (Anexo 13).

No geral, não houve diferença significativa entre as respostas apresentadas pelos atletas e pelos pais. Quanto à mudança de comportamento dos pais durante as três fases, apenas em três questões (5, 7 e 10) as diferenças foram significativas. Esses resultados são apresentados no Anexo 12. Um resumo dos resultados mais expressivos é apresentado na Tabela 7.

TABELA 7
Resultados do Nível de Envolvimento dos Pais nas Atividades dos Filhos

Q	Nível de envolvimento dos pais	até 7 anos	8 a 12 anos	Nível de envolvimento dos pais	8 a 12 anos	13 em diante
1	Apenas providenciava transporte para as aulas	56%	50%	Apenas providenciava transporte para as aulas		50%
2	Filho inteiramente motivado	67%	89%	Filho inteiramente motivado		100%
3	Propiciava atividades e participava ativamente	61%	50%	Se oferecia ou era solicitado para participar das atividades		33%
4	Compareciam às competições (1 a 4 vezes / ano)	50%	56%	Comparecia às competições (1 a 4 vezes / ano)		67%
5	Jogava como amador regularmente	39%*		Ainda pratica ocasionalmente	44%*	50%*
6	Dava orientações e passava experiências	44%	44%	Dava orientações e passava experiências		44%
7	Não dava opinião sobre o futuro profissional	61%*		Sugeria algumas profissões não relacionadas ao esporte	50%*	44%*
8	Cobrava desempenho nos estudos e no esporte	67%	72%	Cobrava desempenho nos estudos e no esporte		67%
9	Brincava de vez em quando	44%		Tempo livre era dedicado a outras atividades	56%	44%
	Tempo livre era dedicado a outras atividades	39%		Não praticava nenhuma atividade extra		44%
10	Nenhuma mudança na rotina	72%*	50%*	Mudança nos horários p/ a criança praticar o esporte	50%*	56%*
11	Todos os dias estava com o filho	100%	100%	Todos os dias estava com o filho		100%

* (p < 0,05)

Legenda: Q - questões

- 1 - Envolvimento dos pais nas aulas do filho
- 2 - Atuação dos pais motivando o filho para o treinamento
- 3 - Participação dos pais nas atividades esportivas do filho
- 4 - Envolvimento dos pais nas competições do filho
- 5 - Envolvimento dos próprios pais com esportes
- 6 - Envolvimento dos pais na orientação do treinamento do filho

- 7 - Interferência dos pais na escolha da carreira profissional do filho
- 8 - Cobrança do estudo em relação ao esporte
- 9 - Atividades extras diárias do filho relacionadas ao esporte que pratica
- 10 - Mudança na rotina dos pais em função da prática esportiva do filho
- 11 - Frequência com que se encontra com o filho

O Formulário de Respostas Codificadas foi agrupado em 4 categorias, que abordavam: a) o envolvimento dos pais nos treinamentos formal e informal dos filhos; b) experiência esportiva vivida pelos pais; c) a influência dos pais nos estudos e futuro profissional dos filhos; d) rotina familiar.

4.3.1 – O envolvimento dos pais nos treinamentos formal e informal dos filhos

Nesta primeira categoria, as questões (1, 2, 3, 4, 6 e 9) mostraram o envolvimento dos pais por meio de comportamentos tais como motivação, orientação, participação em aulas e treinamentos e comparecimento às competições dos seus filhos.

4.3.1.1 – Questão 1 - Envolvimento dos pais nas aulas

O resultado da primeira questão (1) mostra um maior envolvimento dos pais no sentido de apenas providenciar o transporte para as aulas, 50% nas três fases. O envolvimento dos pais de estar presentes às aulas foi de 38% na primeira e 33% na segunda e terceira fases (Tabela 8). Na primeira fase, alguns pais (6%) não responderam a essa questão, porque seus filhos se iniciaram no esporte após essa idade. Não houve diferença significativa na mudança de comportamento nas três fases ($p=0,368$).

TABELA 8
Questão 1 - Envolvimento dos pais nas aulas

Questão 1	Nível de envolvimento				
	1	2	3	4	
Envolvimento dos pais nas aulas	Nenhum envolvimento nas aulas	Apenas providenciava transporte para as aulas	Recebia retorno regularmente do professor	Estava presente às aulas	
Fases de Desenvolvimento					
Até 7 anos	6%	50%	6%	38%	
8 - 12 anos	6%	50%	11%	33%	
13 em diante	6%	50%	11%	33%	
Não respondeu / Não se aplicava – Até 7 anos = 6%					

4.3.1.2 – Questão 2 - Atuação dos pais na iniciação do treinamento

Nesta questão (2), podemos verificar que, na primeira fase, foi necessária uma certa motivação por parte dos pais (17%) para que os filhos iniciassem seu treinamento. Este percentual diminuiu na segunda e terceira fases (11%), pois a maioria dos atletas estava motivada na segunda e na terceira fases, (89% e 100%, respectivamente), provavelmente pelo interesse crescente e domínio das habilidades, o que ainda não ocorria na primeira fase. Como alguns atletas iniciaram o treinamento mais tarde, a resposta não se aplicava à primeira fase (Tabela 9). Apesar de a motivação por parte dos pais mostrar uma tendência em diminuir, a diferença não foi significativa entre as três fases ($p=0,097$).

TABELA 9

Questão 2 – Atuação dos pais na iniciação do treinamento

Questão 2	Nível de envolvimento				
	1	2	3	4	
Atuação dos pais na iniciação do treinamento	Criança inteiramente automotivada	Alguma auto-motivação mas necessitava encorajamento dos pais	Precisa considerável encorajamento dos pais	Não treinaria sem insistência dos pais	
Fases de Desenvolvimento					
Até 7 anos	67%	17%			
8 - 12 anos	89%	11%			
13 em diante	100%				

Não respondeu / Não se aplicava – Até 7 anos = 17%

As MUs representam as declarações que confirmam os resultados da Q2:

O clube era do lado da minha casa eu ia para lá e ficava o dia inteiro. (AM3 – Criança inteiramente automotivada)

Eu sempre gostei muito de esporte, todo o tipo de esporte e o tênis foi mais um. Quando eu tinha oito anos, eu fiz uma colônia de férias. A primeira vez que eu entrei numa quadra peguei a raquete, diz minha mãe que eu saí da quadra e falei que eu queria entrar no esporte. (AF5 – Criança inteiramente automotivada)

As declarações dos pais também demonstram como seus filhos eram automotivados:

Desde o dia que nasceu não podia ver uma bolinha, estava sempre envolvido com o esporte. É o único da família, a gente nunca praticou esporte, isso é dele mesmo (PM3 – Criança inteiramente automotivada)

Quando ele começou a caminhar, eu subi a rampa ali do (clube) ao lado das quadras de tênis, ele me puxava e eu não entendia o quê que esse menino...que graça que tinha no esporte, uma bolinha pra lá outra pra cá e ele sentava na arquibancada e não tinha parquinho, não tinha sorvete, num tinha piscina nem nada. Ele na época já tinha uns dois anos dois anos e meio, eu levei ele para a (academia) e de lá pra cá ele nunca mais deixou a raquete. (PM1 – Criança inteiramente automotivada)

4.3.1.3 – Questão 3 - Envolvimento dos pais nas atividades esportivas da criança

Na questão três, o envolvimento dos pais no sentido de propiciar atividades esportivas aos filhos e delas participar ativamente parece ter sido importante na primeira (61%) e na segunda (50%) fases, diminuindo na terceira fase (28%), quando os filhos já se encontravam em um treinamento mais estruturado. O comportamento dos pais parece ter se modificado, passando a se oferecer ou a ser solicitado para participar das atividades (11% na primeira e segunda fases e 33% na terceira fase), ou apenas perguntar sobre as atividades esportivas de seus filhos (6% na primeira fase, 17% na segunda fase e 22% na terceira fase). Houve ainda uma diminuição da falta de envolvimento dos pais da primeira e segunda fase (22%) para a terceira (17%) (Tabela 10). No geral, a diferença de comportamento, nas três fases, apesar de mostrar uma forte tendência, não foi significativa ($p=0,066$).

TABELA 10

Questão 3 - Envolvimento dos pais nas atividades esportivas da criança

Questão 3	Nível de envolvimento				
	1	2	3	4	
Envolvimento dos pais nas atividades esportivas da criança	Nenhum envolvimento	Perguntava sobre as atividades	Se oferecia ou era solicitado para participar das atividades	Propiciava e participava ativamente das atividades	
Fases de Desenvolvimento					
Até 7 anos	22%	6%	11%	61%	
8 - 12 anos	22%	17%	11%	50%	
13 em diante	17%	22%	33%	28%	

As declarações nas entrevistas demonstram o envolvimento dos pais propiciando e participando ativamente das atividades esportivas dos filhos:

Como ela treina muito, ela já está num nível bem superior ao nosso, a gente bate bola de vez em quando, como aquecimento. Quando começou, a gente jogava muito, fazia dupla ela comigo, minha esposa com o irmão (PF2 – Propiciava e participava ativamente das atividades)

Eu tive muita paciência de bater bola com ele quando ele começou, e depois até o dia que ele ficou muito melhor do que eu. (PM1 – Propiciava e participava ativamente das atividades)

O envolvimento dos pais com o tênis chegou, muitas vezes, à situação de ter uma quadra em casa e a atividade esportiva da família ser mais intensa:

Todo final de semana, no clube que a gente freqüentava, você dá a primeira raquetinha, bate uma bolinha, eu mesmo batia com ela. Hoje nós temos quadra em casa, e chega o final de semana a gente joga, entre a família. (PF4 – Propiciava e participava ativamente das atividades)

A gente joga tênis em casa, antes a gente ia para o clube. (AF3 – Propiciava e participava ativamente das atividades)

A declaração de um dos pais mostra o envolvimento com as atividades esportivas dos filhos desde cedo, não apenas no tênis mas, de uma forma ativa:

Sempre acompanhei, eu que formava os times, eu que comprava as camisas para o time do bairro, ia recolher dinheiro dos outros pais para comprar jogo de camisa, bola, jogar campeonato. Sempre me envolvi com os dois no esporte, tanto no futebol quanto com o tênis. De todos os pais quem se envolvia, ... eu era o técnico do time. (PM4 e 5 – Propiciava e participava ativamente das atividades)

4.3.1.4 – Questão 4 - Envolvimento dos pais no acompanhamento de eventos esportivos

Os pais mostraram um alto nível de envolvimento ao comparecer às competições de seus filhos, 94% durante primeira fase e 95% durante a segunda e terceira fase (níveis 4 e 5). Entretanto a mudança no comportamento, com a diminuição do número de vezes que os pais acompanhavam, de mais de quatro vezes por ano (39% na primeira fase, 33% na segunda fase e 28% na terceira fase), para um aumento do número de vezes que comparecia, de uma a quatro vezes por ano (50% na primeira fase, 56% na segunda fase e 67% na terceira fase), provavelmente, se deu em função do aumento de competições fora da cidade em que residiam, dificultando este tipo de envolvimento por parte dos pais (Tabela 11). Apesar de mostrar uma tendência forte, a diferença não foi significativa, entre as três fases ($p=0,097$).

TABELA 11

Questão 4 - Envolvimento dos pais no acompanhamento de eventos esportivos

Questão 4	Nível de envolvimento				
	1	2	3	4	5
Envolvimento dos pais no acompanhamento de eventos esportivos	Nunca assiste	Só assistia às competições ocasionalmente na televisão	Só assistia às competições regularmente na televisão	Comparecia às competições ocasionalmente 1 a 4 vezes /ano	Comparecia às competições regularmente > 4 vezes /ano
Fases de Desenvolvimento					
Até 7 anos		6%	6%	50%	39%
8 - 12 anos		6%	6%	56%	33%
13 em diante		6%	6%	67%	22%

O envolvimento dos pais no acompanhamento de eventos esportivos dos filhos se fazia principalmente no comparecimento às competições.

Eu sempre viajei com eles, dos 12 anos até os 14, eu viajava com eles. A minha profissão de artista me permitia tirar essa folga, por mês eu tirava uma semana para viajar com eles, todo mês. (PM4 e 5 – Comparecia às competições regularmente)

Esse comparecimento às competições era mais freqüente quando os filhos eram menores e os eventos eram, praticamente todos, na cidade em que moravam.

As competições aqui eles vão em todas, no ano passado, umas cinco, fora não. (AF2 – Comparecia às competições regularmente)

Quando é em BH ele sempre assiste, mas fora ele já esteve duas vezes no máximo, no ano passado ele foi em umas cinco. No futebol ele ia mais porque era sempre aqui em BH. (AM3 – Comparecia às competições regularmente)

Eu compareci à metade, se ele foi a umas 20, umas dez eu consegui acompanhá-lo. Pequeno eu devo ter acompanhado mais que agora. (PM3 – Comparecia às competições regularmente)

Eu não tenho muito tempo, então eu praticamente só vou em competição aqui em BH, uma ou duas vezes, na carreira dela de atleta, eu viajei com ela... Eu praticamente só assisto os jogos aqui e nem sempre é possível assistir. A mãe dela é mais presente nesse caso. (PF4 – Comparecia às competições ocasionalmente)

4.3.1.5 – Questão 6 - Envolvimento dos pais na orientação do treinamento da criança

Com relação à orientação sobre o treinamento dos filhos, verificou-se que 44% dos pais davam algum tipo de orientação (níveis 4 e 5) aos seus filhos, nas três fases. O número de pais que trocava informações com os técnicos foi de 28% na primeira fase e 39% na segunda e terceira fases. Alguns técnicos solicitavam aos pais que não dessem orientações técnicas sobre o esporte, e havia técnicos que não aceitavam nenhum tipo de

orientação por parte dos pais (Tabela 12). Não houve diferença significativa da mudança de envolvimento dos pais ao longo das fases ($p=0,368$).

TABELA 12

Questão 6 - Envolvimento dos pais na orientação do treinamento da criança

Questão 6	Nível de envolvimento					
	1	2	3	4	5	6
Envolvimento dos pais na orientação do treinamento da criança	Nenhum envolvimento	Procurava ajudar quando solicitado	Procurava trocar informações com o técnico	Dava orientações para a criança além do que o técnico orientava	Como ex-atleta passava orientações e experiências	Profissional da área e dava orientação à criança além do técnico
Fases de Desenvolvimento						
Até 7 anos	11%	6%	28%	22%	22%	
8 - 12 anos	11%	6%	39%	22%	22%	
13 em diante	11%	6%	39%	22%	22%	

Não respondeu / Não se aplicava – Até 7 anos = 11%

O maior envolvimento dos pais na orientação dos filhos era trocando informações com os técnicos como é demonstrado pelas seguintes MUs:

Qualquer coisa diferente que acontecia na casa, eu passava para o técnico, para ele sentir se afetava ou não, se isso estava atrapalhando. (PM4 e 5 – Procurava trocar informações com o técnico)

Não dou nenhuma orientação ao nível técnico, eu troco uma série de informações que possam ajudá-lo. Discuto a carreira profissional com ele e com o técnico, o que seria melhor, que tipo de torneio ele poderia disputar durante o ano. Não dentro de quadra, mas um trabalho para que ele seja um profissional, por exemplo, será que seria o caso de ele ir para o exterior? Fazer estágios no exterior para ele poder se aprimorar. (PM3 – Procurava trocar informações com o técnico)

Alguns pais que participavam e muitas vezes disputavam campeonatos de tênis davam orientações aos filhos, baseado em sua experiência como atleta:

Meu pai principalmente, porque ele quando era novo ele competia então ele sabe mais ou menos os problemas, o que que acontece. Ele dá apoio ele incentiva. (AF4 – Dava orientações para a criança além do que o técnico orientava)

AM1 – Dá, alimentação, dá alguns toques de preparação física, de corrida, de musculação também ele dá uns toques. (AM1 – Dava orientações para a criança além do que o técnico orientava)

Essa orientação, muitas vezes, não se aplicava apenas ao contexto esportivo.

Existia uma preocupação de apresentar valores que pudessem servir para as demais situações que pudessem ocorrer na vida dos filhos:

O que eu procuro orientar é mais o seguinte, é que, é sobre as ansiedades dela, né, as dúvidas que por acaso ela tenha, as decepções nas derrotas, procurar orientar e mostrar aquilo que eu acho que é certo o que é errado e principalmente mostrar que o esporte é um fator muito importante, mas eu não gostaria que fosse o objetivo da vida delas. Isso eu mostro com muita clareza para elas, que o esporte é uma época na vida, que realmente tem que dedicar, e que a partir do momento que está dentro de campo, procurar sempre fazer o melhor. Mas aquilo, não como objetivo de vida. (PF4 – Dava orientações para a criança além do que o técnico orientava)

4.3.1.6 – Questão 9 – Atividades extras, diárias, da criança

Esta questão procurou verificar o envolvimento da criança com relação à prática de atividades extras. O percentual de atletas que não praticava qualquer atividade extra aumentou de 11%, na primeira fase, para 33% na segunda fase, e para 44% na terceira fase, provavelmente, pelo aumento do número de horas dedicadas ao treinamento, restando pouco tempo para outras tarefas, e que geralmente era destinado aos estudos. Ocorreu ainda uma diminuição do divertimento não estruturado (brincava de vez em quando) de 39% na primeira para 11% na segunda e terceira fases, provavelmente pelos

atletas terem iniciado um treinamento mais intenso. Houve, ainda, mudança no envolvimento quanto ao tempo livre dedicado a atividades do esporte, ou ainda, a outras atividades esportivas de 39% na primeira fase para 56% na segunda fase e 44% na terceira fase. Nessa questão, a resposta não se aplicava em 11% dos entrevistados (Tabela 13). A diferença de comportamento através das fases não foi significativa ($p=0,459$).

TABELA 13

Questão 9- Atividades extras, diárias da criança relacionadas ao esporte que pratica

Questão 9	Nível de envolvimento			
	1	2	3	4
Atividades extras, diárias da criança, relacionadas ao esporte que pratica	Não praticava nenhuma atividade extra	Tinha que ser incentivado para fazer atividades extras	Brincava de vez em quando	O tempo livre era dedicado a atividades do esporte
Fases de Desenvolvimento				
Até 7 anos	11%		39%	39%
8 - 12 anos	33%		11%	56%
13 em diante	44%		11%	44%

Não respondeu / Não se aplicava – Até 7 anos = 11%

As atividades extras dos atletas eram uma forma de diversão ou complemento para melhorar a performance no tênis:

Eles gostam muito da peladinha lá na escola, porque o tênis é uma coisa muito solitária, né, eles se divertem com os outros esportes. (PM4 e 5 – O tempo livre era dedicado à atividade do esporte)

Eu gosto de natação, de segunda a sexta eu jogo tênis, sábado eu dou uma corrida e nado também, quase sempre. Jogo bola também com os amigos. (AM2 – O tempo livre era dedicado à atividade do esporte)

Em alguns casos, as atividades extras na primeira fase davam lugar aos estudos por causa da falta de tempo devido ao aumento da carga horária do treinamento:

Tinha queimada na escola, ah eu brincava muito na rua, como é que é, rouba bandeira, que mais, pique-esconde, aquelas brincadeiras normais, assim de criança. Hoje, é estudar, ir para escola de manhã, vim pro treino, voltar estudar a noite, fazer o dever, no outro dia a mesma coisa. (AF3 – O tempo livre era dedicado à atividade do esporte – primeira fase e Não praticava nenhuma atividade extra – terceira fase)

Outros atletas se dedicavam exclusivamente ao tênis e a atividade extra era voltada para preparação nesse esporte:

O tênis toma todo o tempo dele, integral, ele decidiu isso como uma profissão para ele, a dedicação ao tênis é dia de semana, fim de semana... (PM3 – Não praticava nenhuma atividade extra – terceira fase)

Eu quase não tenho tempo livre, porque eu faço a parte física de manhã, que é ou academia ou então corrida, treino a tarde, e estudo à noite. Quando eu era menor eu jogava bola, assim, no colégio, praticava outros tipos de esporte basquete, vôlei. (AM3 – O tempo livre era dedicado à atividade do esporte – primeira fase e Não praticava nenhuma atividade extra – terceira fase)

4.3.2 – A experiência esportiva vivida pelos pais

Esta questão procurou descobrir se a experiência esportiva vivida pelos pais e o nível técnico da atividade praticada podem ter sido uma influência na opção esportiva dos filhos.

4.3.2.1 – Questão 5 - Envolvimento dos próprios pais com esportes

O envolvimento dos pais com esporte parece ter sido uma influência positiva para os atletas se iniciarem e se desenvolverem como tenistas. Considerando-se os níveis (4, 5 e 6) quando a atividade esportiva dos pais estava presente em algum momento das fases de desenvolvimento dos filhos, constatamos um grande envolvimento dos pais com o esporte, em sua maioria no próprio tênis: 78% na primeira fase, 72% na segunda fase e 78% na terceira fase. Isso pode ter influenciado positivamente os filhos a escolherem essa modalidade esportiva (Tabela 14).

Na primeira fase, 45% dos pais jogavam regularmente ou eram atletas de alto nível. Este comportamento diminuiu para 28% e 11% na segunda e terceira fases, respectivamente. Por outro lado, o envolvimento dos pais com esportes praticados ocasionalmente, geralmente nos fins de semana ou de forma não competitiva, aumentou de 28%, na primeira fase para 44%, na segunda fase e 50 % na terceira fase. O envolvimento dos próprios pais com esportes também diminuiu ao longo das três fases. Enquanto na primeira fase apenas 6% dos pais não tinha algum tipo de envolvimento com esportes, esse percentual aumentou para 11% na segunda fase e para 22% na terceira fase. Houve diferença significativa ($p=0,002$) na mudança de comportamento dos pais nas três fases, e essas mudanças podem estar relacionadas à participação desses pais em esportes competitivos na primeira fase. Com o tempo houve uma mudança para uma prática ocasional ou não haver mais nenhum tipo de envolvimento com os esportes a partir da segunda e terceira fases, nesta questão.

TABELA 14

Questão 5 - Envolvimento dos pais com esporte

Questão 5	Nível de envolvimento					
	1	2	3	4	5	6
Envolvimento dos pais com esporte	Nenhum envolvimento	Brincava quando criança	Treinava quando criança mas parou	Ainda pratica ocasional-mente	Jogava como amador regularmente	Atleta profissional ou de alto nível
Fases de Desenvolvimento						
Até 7 anos	6%		17%	28%	39%*	6%*
8 - 12 anos	11%		17%	44%*	28%	
13 em diante	22%*		17%	50%*	11%*	

* (p< 0,05) Não respondeu / Não se aplicava – Até 7 anos = 6%

As MUs a seguir demonstram o envolvimento dos próprios pais com o esporte, competindo regularmente, sendo que alguns ainda mantinham a atividade:

Nossa família sempre foi de sportista, minha mulher jogava tênis, eu jogava futebol no América, cheguei até o juvenil, sempre gostei de esporte. (PF2 – Jogava como amador regularmente)

Meu pai joga tênis, jogou desde pequeno, meu avô também. Meu pai ficou parado 15 anos por causa da coluna e depois que minha irmã nasceu ele voltou a jogar, minha mãe também. (AF4 – Jogava como amador regularmente)

Jogo quatro a cinco vezes por semana, e é uma família de tenista, os quatro jogam. (PF4 – Jogava como amador regularmente)

A prática de esportes diminuiu ao longo do tempo mas alguma atividade ainda era feita ocasionalmente:

Eles ainda jogam, participam de campeonato, minha mãe chegou a disputar campeonato mineiro. (AF2 – Ainda pratica ocasionalmente)

Minha mãe jogava mas parou, hoje só corrida e Cooper. (AM2 – Ainda pratica ocasionalmente)

Jogo tênis, não com a mesma frequência mas... quando ele era menor eu jogava mais. (PM1 – Ainda pratica ocasionalmente)

4.3.3 – A influência dos pais nos estudos e no futuro profissional dos filhos

Esta categoria mostra o envolvimento dos pais com relação aos estudos e aos esportes, assim como a influência na escolha de uma carreira profissional dos seus filhos.

4.3.3.1 – Questão 7 – Influência dos pais na escolha de uma carreira profissional dos filhos

Os pais desses atletas faziam sugestões sobre as carreiras profissionais, tanto esportivas quanto fora do esporte, demonstrando uma orientação e um diálogo, nunca uma imposição. Nas três fases de desenvolvimento, a atitude de trocar idéias com os filhos e orientá-los na escolha de uma carreira profissional não relacionada ao esporte alterou-se de 28%, na primeira fase, para 72% na segunda e terceira fases, considerando-se os níveis nos quais este comportamento está presente (2 e 3). Não dar opinião sobre o futuro profissional dos filhos (28% na segunda e terceira fases) era, segundo os entrevistados, uma forma de confiança em uma escolha consciente por parte dos filhos. Na primeira fase, esse mesmo comportamento foi de 61%, provavelmente pelo fato de os filhos estarem em uma idade ainda distante de uma decisão sobre sua vida profissional.

Houve ainda um aumento do nível de envolvimento dos pais de 0% na primeira fase para 22% na segunda fase e 28% na terceira fase, em que os pais davam sugestão de profissão ligada ao esporte profissional. Este comportamento parece ter se

manifestado através do tempo, quando se constatou o potencial dos atletas e acreditava-se mais na possibilidade de eles terem sucesso como tenistas profissionais (Tabela 15).

Nesta questão, foi encontrada a diferença mais significativa de mudança de comportamento durante as três fases ($p=0,000$)

TABELA 15

Questão 7- Influência dos pais na escolha de uma carreira profissional da criança

Questão 7	Nível de envolvimento					
	1	2	3	4	5	6
Influência dos pais na escolha de uma carreira profissional da criança	Não dava opinião sobre o futuro profissional	Sugeria algumas profissões, não relacionadas ao esporte	Sugeria várias profissões incluindo ser atleta profissional	Queria que o filho fosse atleta profissional		
Fases de Desenvolvimento						
Até 7 anos	61%*	28%				
8 - 12 anos	28%	50%*	22%			
13 em diante	28%	44%*	28%			

* ($p < 0,05$) Não respondeu / Não se aplicava – Até 7 anos = 11%

Nas entrevistas, os relatos confirmam o envolvimento dos pais na escolha de uma carreira profissional dos filhos. Havia preocupação com o futuro profissional e a independência financeira, mesmo que a profissão não tivesse relação com o esporte:

Alguns pais discutiam e incentivavam a carreira de tenista profissional de seus filhos.

Ela é a melhor tenista do estado, e está entre as oito melhores do Brasil, a gente não tem a ilusão de que ela vai ser uma boa tenista. Se acontecer tudo bem, nós estamos mais preocupados é com o estudo dela. Ela tem intenção de poder ganhar uma bolsa nos Estados Unidos, fazer um curso de Medicina lá, parece que ela pensa um pouco nisso, mas ela ainda está nova. (PF2 – Sugeriu algumas profissões não relacionadas ao esporte)

Apesar do esporte ser uma parte importante na vida dos filhos, alguns pais previam dificuldades financeiras no esporte profissional e sugeriam outras profissões.

Muito, muito, principalmente porque ela tem uma facilidade com matemática e como eu mexo com engenharia eu procuro despertar nela essas coisas que eu sou empresário de construção civil. Os meus sucessores, são duas filhas, como sucessoras e procuro aos poucos passando para elas pelo menos despertar, para saber se elas não tem interesse em trabalhar aqui, enfim coisa desse tipo. E com relação ao esporte também, muito, procuro levá-las em competição, quando é possível, competição fora para elas verem também um outro nível de tênis. Já mostramos para ela a dificuldade (de ser profissional) porque, eu recorro muito a minha época de menino, de atleta lá no (clube) as pessoas que tinham padrão de vida bom, e que continuaram no meio do esporte, infelizmente estão para trás um pouco. Então eu acho que eu tenho obrigação de mostrar isso para elas também. (PF4 – Sugeria algumas profissões não relacionadas ao esporte)

Discuto, estou pensando em seguir a carreira dele (engenheiro civil) porque já tem empresa e eu gosto de engenharia também. Para ser profissional não dava para estudar e eu sempre achei mais importante o estudo do que ser profissional, como engenheiro por exemplo do que ser tenista. Engenheiro eu vou ser até os 50 anos, e tenista com 30 eu já vou ter que estar encerrando a carreira e se eu der muita sorte eu poder ter dinheiro para sobreviver o resto da minha vida, né. Eu acho que com o dinheiro que eu ia conseguir no tênis não dá para sobreviver o resto da minha vida não. Eu teria que voltar a estudar mais pra frente. Meu pai concorda comigo (AM1 – Sugeria algumas profissões não relacionadas ao esporte)

Alguns atletas tinham como objetivo ser tenista profissional ou alguma profissão relacionada ao esporte:

Ele quer ser profissional na área de tênis, seu eu perguntar o que ele quer ser se não for tenista, eu vou estar até desestimulando ele de certa maneira, mas eu não chego a trocar idéias com relação à outra profissão. (PM3 – Sugeria várias profissões incluindo ser atleta profissional)

Eu pretendo ser jogador profissional de tênis, mas caso eu não conseguir eu acho que vou fazer Educação Física, porque eu gosto muito de esporte. Tem várias possibilidades também, se eu não conseguir ser jogador profissional, eu posso fazer a universidade lá nos Estados Unidos. (AM3 – Sugeria várias profissões incluindo ser atleta profissional)

4.3.3.2 – Questão 8 – Cobrança do estudo em relação ao esporte

Nesta questão verificou-se a preocupação dos pais e dos filhos com relação aos estudos. Apesar de todos os atletas entrevistados terem boas notas e não haver problemas com os estudos, o bom desempenho nos estudos era uma situação sempre cobrada pelos pais: 67% na primeira fase, 72% na segunda fase e 67% na terceira fase. Paralelamente, houve um aumento no número de pais que não estabelecia relação entre o esporte e os estudos (11% na primeira fase, 17% na segunda fase e 22% na terceira fase) e uma diminuição no número de pais que só autorizava a prática do esporte se o filho alcançasse notas altas (nível 3). A prática do esporte mesmo tendo notas baixas na escola foi de 6%, e apenas na terceira fase. Esses dois últimos comportamentos, segundo as pessoas entrevistadas, eram uma opção de dar prioridade e investir na boa fase esportiva do atleta, relegando os estudos a um momento após o final da carreira do tenista (Tabela 16). A diferença de comportamento através das fases não foi significativa ($p=0,717$)

TABELA 16

Questão 8- Cobrança do estudo em relação ao esporte

Questão 8	Nível de envolvimento			
	1	2	3	4
Cobrança do estudo em relação ao esporte	Não relacionava esporte com o estudo	Cobrava desempenho nos estudos como nos esportes	Só praticava esporte se alcançasse boas notas	Pratica esporte mesmo tendo notas baixas na escola
Fases de Desenvolvimento				
Até 7 anos	11%	67%	11%	
8 - 12 anos	17%	72%	11%	
13 em diante	22%	67%	6%	6%

Não respondeu / Não se aplicava – Até 7 anos = 11%

As declarações dadas nas entrevistas demonstram que apesar dos filhos serem bons alunos, não terem problemas com notas, os pais cobravam tanto desempenho nos estudos como no esporte:

Consigo conciliar, nunca fui uma aluna exemplar de tirar 10, assim não, mas nunca fui má aluna também não, sempre tirei notas boas, nunca fiquei em recuperação. Mas sempre a escola em primeiro lugar, em relação ao esporte ela falava que ia limitar mas nunca foi um negocio muito rigoroso, mas eu sabia que para eu disputar os campeonatos, para eu continuar eu tinha que manter a escola. Ela meio que cobrava sim. (AF5 – Cobrava desempenho nos estudos como no esporte)

Apesar da importância do esporte na formação dos filhos, os pais se mostravam preocupados e davam maior prioridade aos estudos:

A preocupação maior é com respeito ao estudo, lá em casa a gente não abre mão disso, ela está em um colégio apertado, mas ela é boa aluna e não dá trabalho para a gente. (PF2 – Cobrava desempenho nos estudos como no esporte)

Colégio em primeiro lugar, sempre. (AF4 – Cobrava desempenho nos estudos como no esporte)

Isso é outra coisa complicada de administrar, talvez seja a mais complicada no momento. Elas estudam num colégio apertado e que eu estou mais ou menos entre a cruz e a espada, eu não elas, e eu também, porque o (colégio) é um colégio que não apóia muito o atleta. Isso é um grande problema que eu vejo no (colégio), percebo isso com muita clareza. ... A gente procura compensar algumas dificuldades, ela não tem para treinar e é uma boa aluna também, mas a gente percebe o seguinte se ela bobeia no colégio as notas pioram, então é uma vida muito apertada a dela... Os treinadores dela, a gente conversa com eles também, explica, que o colégio é o maior objetivo (PF4 – Cobrava desempenho nos estudos como no esporte)

4.3.4 – A rotina familiar

Nesta categoria, investigou-se a rotina familiar, buscando conhecer as mudanças no comportamento dos pais, para atender às necessidades dos filhos no esporte.

4.3.4.1 – Questão 10 – Mudança na rotina dos pais em função da prática do filho no esporte

Nesta questão, os resultados mostraram uma modificação no comportamento por parte dos pais. Na primeira fase de desenvolvimento, não houve nenhuma mudança em 72% das famílias. Este percentual caiu para 50% na segunda fase e para 44% na terceira fase, o que demonstra que houve algum tipo de mudança na rotina dos pais. Em compensação, as mudanças, principalmente nos horários e afazeres dos pais, em função da prática esportiva dos filhos ocorreram em 17% das famílias na primeira fase, 50% na segunda e 56% na terceira fases). Esse número não foi maior porque, segundo alguns entrevistados, havia boa estrutura nos clubes ou um bom gerenciamento por parte dos pais (Tabela 17).

Ainda assim, parece que pais modificaram de forma significativa ($p=0,006$) as rotinas para atenderem às necessidades da prática esportiva de seus filhos, durante as três fases.

TABELA 17

Questão 10 – Mudança na rotina dos pais em função da prática do filho no esporte

Questão 10	Nível de envolvimento				
	1	2	3	4	
Alguma mudança na rotina dos pais em função da prática do filho no esporte	Nenhuma mudança foi feita	Mudanças nos horários de afazeres para a criança praticar o esporte	Mudou de serviço para se adequar ao esporte do filho	Mudança de cidade para facilitar o desenvolvimento no esporte	
Fases de Desenvolvimento					
Até 7 anos	72%*	17%			
8 - 12 anos	50%*	50%*			
13 em diante	44%	56%*			

* (p < 0,05) Não respondeu / Não se aplicava – Até 7 anos = 11%

O envolvimento dos pais mudando a rotina, a partir da segunda fase, pode ser confirmado através das seguintes MUs:

O que eu mudei foi que à noite eu não saía para levá-lo para lugar nenhum, agora eu tenho que levá-lo à escola às sete horas, buscá-lo às dez e meia, a mudança básica foi essa. (PM3 – Mudança nos horários de afazeres para o filho praticar esporte)

Eu me adaptei aos horários dele. (PM1 – Mudança nos horários de afazeres para o filho praticar esporte)

A mudança da rotina, às vezes não era diária, devido à estrutura do clube ou da forma como a própria família se adaptava aos horários do esporte dos filhos, mas durante o período de férias havia uma mudança dos planos da família para atender à prática do esporte dos filhos:

Nas férias, tem os campeonatos mineiros e brasileiros, então a gente tem que voltar mais cedo, ou não ter férias. (AF4 – Mudança nos horários de afazeres para o filho praticar esporte)

A família teve que às vezes, me deixando até aborrecido, mas eu já tive que deixar de viajar com a família em função de torneios, enfim nós acabamos nos moldando um pouco até à disponibilidade do tênis. Normalmente tem os campeonatos nas férias, e acaba normalmente interferindo, essa é a maior interferência que tem. (PF4– Mudança nos horários de afazeres para o filho praticar esporte)

4.3.4.2 – Questão 11 – Frequência com que os pais e os filhos tinham contato

A frequência com que os pais e filhos se encontram (100% nas três fases) revela um alto nível de envolvimento, apoio e qualidade de desenvolvimento do atleta. Desde a primeira fase, a convivência tanto em casa quanto no ambiente esportivo parece ter sido um fator que possibilitou uma melhor orientação esportiva. Ela propiciou também o ensinamento de valores morais e esportivos necessários ao desenvolvimento dos filhos (Tabela 18). O comportamento foi igual durante as três fases ($p=1,000$)

TABELA 18

Questão 11 – Frequência com que os pais e os filhos se encontram

Questão 11	Nível de envolvimento				
	1	2	3	4	
Quantas vezes você se encontra com o seu pai/filho	Uma vez a cada três meses ou mais	Uma vez por mês	Uma vez por semana	Todos os dias	
Fases de Desenvolvimento					
Até 7 anos				100%	
8 - 12 anos				100%	
13 em diante				100%	

Os pais apoiavam sem cobranças excessivas, sem gerar estresse de forma que houvesse uma tranquilidade para os filhos se desenvolverem sem pressão nem cobrança pelo investimento realizado no esporte:

Meu pai sempre me apoiou, tipo assim, ele é que faz, praticamente 100% do meu apoio, no tênis ...Meu pai é fora de série, ele não interfere..., só interfere para o lado positivo, não dá palpite...às vezes eu ligo e falo 'Perdi, tal' (ele) 'Não preocupa não a próxima você ganha, fica tranquila', essas coisas assim, sabe. (AF3)

Apoio familiar eu acho que é importante, sempre procurando mostrar que no nosso caso lá, o tênis é importantíssimo, demais, mas olho as outras coisas também , isso eu acho em tudo na vida, nem comemorar demais as vitórias e nem chegar ao ponto de ter depressão porque isso não ajuda. Procurar ser mais constante. (PF4)

Algumas declarações dos entrevistados demonstram que a presença constante dos pais pode ter sido um fator importante de orientação e ensinamento de valores, como o esforço para se alcançar os objetivos:

A pessoa quando quer uma coisa, ela tem que se dedicar, senão ela não vai a lugar nenhum. Tive que mostrar isso para os meus filhos, o sacrifício que a pessoa tem que fazer se o objetivo dela e conseguir isso. (PF2)

Eu pretendo, esse ano e o ano que vem treinar bastante, esse ano eu pretendo treinar mais, para poder aperfeiçoar meu jogo, do que ganhar. Eu estou dando o máximo que eu posso para poder chegar o ano que vem, estar bem, aí sim, ano que vem eu conseguir ganhar os títulos importantes...Eu acho que, o apoio que eles me dão, porque eu vejo assim, que eles fazem o maior esforço por mim, aí eu me esforço bastante, eu vejo que tudo que eles podem eles fazem por mim, e não cobram, entendeu. Eu chego em casa, por exemplo, joguei, perdi, aí eles me apóiam, não falam nada 'Ah você perdeu por isso, por aquilo!' Não eles ficam lá, ganhei 'Ganhou que bom!' Eles estão sempre me dando moral, para cima, assim, me incentivando, eu acho isso muito bom, porque, você chegar na quadra, jogar, já ter a pressão do jogo, jogar com a pressão dos pais, não sei o que, não dá muito certo, não. Eles deixam eu fazer minha parte e só incentivando...Você tem que ter metas, seus objetivos e trabalhar para isso, se você quer alguma coisa você tem que conseguir, não pode desistir. Se você trabalhar mesmo você acaba conseguindo. (AM2)

Existia também o apoio e o respeito às decisões tomadas pelos filhos em momentos importantes tanto na carreira esportiva quanto na opções por mudar de prioridades na vida:

Hoje eu não tenho vontade de competir, não, ser profissional, mas talvez dar aula de tênis. Sempre respeitaram minha decisão de eu querer jogar e parar na hora que eu quiser, nunca me forçaram a jogar. (AM1)

Eu queria me tornar uma profissional mas é muito difícil, eu vou tentar, se eu não conseguir nada eu vou fazer universidade nos Estados Unidos...meus pais me deram muito apoio quando eu troquei de clube, as duas vezes. (AF2)

... até então ele estava fazendo intercâmbio nos Estados Unidos, envolvido com o tênis, de repente não quis mais competir, sentiu aliviado saindo da equipe do (clube), não cobreí não perguntei o quê que aconteceu, não adianta forçar nada, porque a vida é dele, só eu não concordei, não aceitei, mas não o obriguei a permanecer a permanecer na equipe, é isso que ele quer, pronto, respeitei. (PM1)

5 - Discussão dos Resultados

Na literatura, a influência dos pais tem se mostrado como de fundamental importância na carreira de atletas *experts*. Eles exercem uma grande influência e contribuição durante todo o desenvolvimento do atleta. Nessa pesquisa, o envolvimento dos pais parece ter sido um fator decisivo desde o início da carreira esportiva desses atletas e se mostrou de forma moderada o suficiente para contribuir para o seu desenvolvimento, sem criar situações de pressão e estresse, com cobranças por resultados.

No geral, os resultados da pesquisa estão coerentes com os resultados encontrados na literatura sobre o assunto. Esses achados indicaram que os pais têm uma influência muito importante no desenvolvimento esportivo dos filhos, desde a fase inicial, servindo de modelo e proporcionando uma grande variedade de estímulos no ambiente esportivo (BLOOM, 1985; CARLSSON, 1993; Côté, 1999; CSIKSZENTMIHALYI, RATHUNDE & WHALEN, 1993).

Os resultados serão discutidos na seguinte ordem: Informações dos técnicos; Informação dos pais; Entrevistas Semi-estruturadas e de Aprofundamento e Formulário de Respostas Codificadas (FRC), com os atletas e os pais, abordando as quatro categorias que agrupam as 11 questões do FRC.

5.1 - Informação dos técnicos

Dos quatro técnicos entrevistados, apenas um (T3) não tem um envolvimento maior com o treinamento dos tenistas. Ele optou por trabalhar de uma forma mais social, dando aulas de tênis para todas as idades, não se envolvendo diretamente nas competições. Os dois atletas que esse técnico treinou (AM4 e AM5) praticamente viajam e competem sozinhos. Os outros três técnicos estão diretamente envolvidos na formação, treinamento e competição dos seus atletas, sejam elas estaduais, nacionais e até internacionais.

A experiência profissional dos técnicos era de, em média, 15,50 ($\pm 2,08$) anos, podendo ser considerados *experts* no tênis. De acordo com alguns autores que estudaram o desenvolvimento da *expertise*, a experiência de 10 anos é um dos critérios para se identificar o *expert* (B. S. BLOOM, 1985; ERICSSON, 1996 e ERICSSON, KRAMPE & TESCH-RÖMER, 1993).

Durante a entrevista com os três técnicos mais envolvidos, percebeu-se que existe um contato direto destes com os pais dos atletas. Eram realizadas reuniões para esclarecer sobre os objetivos e as metas e era dada alguma orientação sobre o tipo de colaboração que os técnicos esperavam dos pais. Esses procedimentos parecem ter sido eficientes para se desenvolver uma estrutura que envolva o técnico, o atleta e a família, (CSIKSZENTMIHALYI et al., 1993; HELLSTEDT, 1987, 1990;) tendo cada um sua participação diferenciada. Isso proporciona maior eficiência no desenvolvimento do atleta *expert*, através das distintas fases (B. S. BLOOM, 1985; CÔTÉ, 1999) e dos momentos de transição em sua carreira esportiva, (SALMELA, YOUNG & KALLIO, 2000 e WYLLEMAN, KNOPP, EWING & CUMMING, 2000), assim como demonstra

uma forma mais organizada, por parte dos técnicos, na elaboração e execução do treinamento (CÔTÉ, SALMELA, TRUDEL, BARIA & RUSSELL, 1995; CARLSSON, 1993)

Em uma das questões do Questionário Demográfico com os Técnicos (Anexo 9), era solicitada nota de 0 a 100 para vários tipos de características dos atletas, na visão do técnico. Os pais obtiveram nota 100 no item relativo ao “apoio dos pais”, dadas por todos os técnicos (Anexo 14). Esse tipo de contato demonstrou uma participação positiva por parte dos pais, que participaram do processo de desenvolvimento dos seus filhos no esporte, não apenas em casa, mas envolvendo-se com a estrutura do treinamento e competição, apoiando o trabalho realizado pelos técnicos e minimizando os possíveis problemas, sejam de ordem financeira ou moral.

5.2 - Informação dos pais

Os resultados do Questionário Demográfico com os Pais (Anexo 8) mostraram que oito dos nove pais entrevistados têm curso superior e, desses, quatro fizeram pós-graduação em nível de especialização. Na outra família entrevistada, o nível de escolaridade dos pais é o segundo grau completo. Dos nove atletas, oito vinham de famílias de classe média alta, com renda familiar acima de 20 salários mínimos (SM de referência de R\$ 200,00).

Maior escolaridade dos pais e melhor padrão financeiro parecem ser importantes para o desenvolvimento dos filhos. Nessa condição, eles têm a chance de pertencer a um clube ou academia onde os filhos podem, desde pequenos, se envolver no ambiente

esportivo, acompanhar os pais na prática de esportes ou apenas serem estimulados a ter contato com a prática de atividades físicas. Isso foi demonstrado também nas investigações de Carlsson (1993) e Côté (1999), que enfatizam a participação da família como sendo a primeira forma de contato da criança com o esporte, a importância do investimento financeiro e da estrutura de treinamento organizado. A maioria dos pais entrevistados, por terem sido criados no ambiente esportivo, enfatizou a importância da formação esportiva para o desenvolvimento dos filhos. Eles procuraram desde cedo incentivar seus filhos a praticarem esportes e propiciaram todas as condições para que isto ocorresse.

Por terem boa situação financeira, os pais podiam dar maior apoio, no que se refere à compra de equipamento esportivo, aos gastos com aulas e treinamentos de tênis e, principalmente, às despesas com competições e viagens. Esse investimento financeiro e a busca de melhores recursos para o treinamento parecem ser primordiais para o desenvolvimento dos atletas. Eles participavam regularmente de competições nacionais, o que acarreta altos gastos, tanto de material, roupas, passagens aéreas e hotéis.

Ericsson et al. (1993) mostram que uma das formas de influência negativa na condição ideal do treinamento é aquela causada por recursos inadequados ou inexistentes. Os pais, junto com os técnicos, têm sido responsáveis por superar essa dificuldade, através de patrocínio, ajuda do clube e, na maioria dos esportes, o investimento financeiro feito pelos próprios pais dos atletas.

No Brasil, foram encontrados resultados parecidos, com a condição socioeconômica como um fator de influência no esporte, seja pela escolha do esporte em questão (FIGUEIRA JÚNIOR, 2000), ou pela própria oportunidade de acesso ao ambiente esportivo, sendo o investimento financeiro fator importante para o

desenvolvimento no esporte, como no caso da ginástica rítmica (VIANNA JÚNIOR, MORAES, SALMELA & MOURTHÉ, 2001a, 2001b).

5.3 - Entrevista Semi-estruturada e de Aprofundamento, e Formulário de Respostas Codificadas, com os atletas e os pais.

Esses foram os principais instrumentos da coleta dos dados nessa pesquisa. Os resultados da entrevista e a frequência de respostas no FRC, com os atletas e os pais, mostraram um elevado grau de envolvimento desses, no que diz respeito ao desenvolvimento de seus filhos como atletas de tênis.

Resultados semelhantes foram encontrados em várias pesquisas, tais como o trabalho sobre o desenvolvimento do talento de tenistas e nadadores de elite, entre outras áreas de *expertise* (B. S. BLOOM, 1985); a importância do apoio e da influência dos pais dentro das estruturas, identificadas no meio ambiente, para o desenvolvimento do *expert* no esporte (CARLSSON, 1993); os padrões da dinâmica da família para o desenvolvimento do *expert* no esporte (CÔTÉ, 1999); a importância da condição socioeconômica e o apoio familiar no desenvolvimento de adolescentes talentosos (CSIKSZENTMIHALYI et al., 1993); o envolvimento dos pais no esporte, apontando o envolvimento moderado como o mais eficiente para o desenvolvimento do atleta (HELLSTEDT, 1987, 1990); a influência dos pais no desenvolvimento da carreira dos atletas, principalmente a necessidade, por parte dos atletas, de apoio emocional (WYLLEMAN et al., 2000).

O trabalho de Ericsson et al. (1993) sugere que um dos fatores mais importantes para a aquisição da *performance* é superar as dificuldades de motivação, de esforço e de recursos, o que estaria ligado ao envolvimento dos pais, principalmente no que se relaciona à motivação na primeira fase, e aos recursos, a partir da segunda fase, sendo esses mais necessários na terceira fase do desenvolvimento.

Segundo Salmela et al. (2000), as mudanças ocorridas ao longo da carreira do atleta, da iniciação ao nível de *expert*, envolvem os pais, direta e indiretamente. Na fase inicial, a maior responsabilidade dos pais era proporcionar a oportunidade e um ambiente esportivo inicial, variado e orientado ao processo. Na fase intermediária, eles proporcionavam um ambiente de treinamento orientado ao resultado, mais intenso e que requeria mais esforço e atenção. Na fase final, os pais tinham um envolvimento mais discreto no ambiente do treinamento, mas ainda proporcionavam e viabilizavam apoio social e financeiro. Esse tipo de comportamento está em concordância com as conclusões de Wylleman et al. (2000).

No Brasil, as primeiras investigações que usaram essa perspectiva sobre o envolvimento dos pais no desenvolvimento dos filhos atletas foram realizadas no voleibol (MORAES et al., 2001) e na ginástica rítmica (VIANNA JÚNIOR et al., 2001a, 2001b), ambos esportes praticados, na maioria, por famílias de classe média ou alta. Nesses trabalhos, o envolvimento dos pais foi considerado significativo nos vários aspectos investigados. Utilizando a mesma metodologia e instrumentos, esse envolvimento se mostrou elevado em todas as questões.

Pesquisas realizadas com atletas de futebol de campo (MORAES, SALMELA, RABELO & VIANNA JÚNIOR, 2000a, 2001b) e com seus pais (RABELO, 2002), que são na maioria provenientes da classe mais baixa, encontraram resultados diferentes e

revelaram pouco envolvimento dos pais. A falta de condições financeiras não foi empecilho para o desenvolvimento dos atletas, talvez porque a necessidade, a vontade e a paixão pelo futebol eram maiores. Todavia, o envolvimento dos pais foi muito reduzido, principalmente a partir da terceira fase, quando os filhos se mudavam para a capital e o contato com os pais se dava a cada três meses ou até mesmo uma vez por ano. A ausência de contato diário com os pais pode ter diminuído ou até mesmo impedido um apoio maior por parte da família, durante o desenvolvimento dos filhos. Nestas fases, esse tipo de apoio seria moral, social e, principalmente, afetivo, pois os filhos passavam a morar com outros jogadores, nas concentrações dos clubes em que jogavam, tendo contato com a família raramente.

5.3.1 - Categorias de envolvimento dos pais

Os resultados serão discutidos dentro das quatro categorias que representam as 11 questões do FRC: a) o envolvimento dos pais nos treinamentos formal e informal dos filhos; b) a experiência esportiva vivida pelos pais; c) a influência dos pais nos estudos e no futuro profissional dos filhos; d) a rotina familiar.

5.3.1.1 - O envolvimento dos pais nos treinamentos formal e informal dos filhos

Nessa categoria houve seis questões que delinearão o envolvimento dos pais no treinamento dos filhos no tênis.

Com relação ao envolvimento dos pais com as aulas dos filhos (questão 1), na primeira fase, observou-se que 56% dos pais “apenas providenciavam o transporte para as aulas”, 38% estavam “presentes nas aulas”, 6% recebiam retorno regularmente do professor e também 6% não tinham qualquer envolvimento nas aulas. Enquanto na segunda e terceira fases diminuía para 50% o percentual de pais que apenas providenciava o transporte para as aulas, e para 33% o percentual de pais presentes nas aulas, aumentava para 11% o percentual daqueles que regularmente recebiam retorno do professor. Este comportamento parece não estar tão relacionado com o desenvolvimento dos atletas no esporte como foi encontrado no desenvolvimento de crianças na música (DAVIDSON, HOWE, MOORE & SLOBODA, 1996), em que a presença dos pais nas aulas era muito importante para o desenvolvimento dos filhos.

Conforme os achados de B. S. Bloom (1985), Côté (1999), Salmela et al. (2000) e Wylleman et al. (2000), na fase inicial, principalmente, a ênfase deve ser dada à experimentação de forma variada, ao divertimento e ao prazer na atividade, sendo o envolvimento dos pais fundamental, ainda que de forma não-estruturada. No Brasil, a maioria dos clubes mantém as escolinhas, e o início dos treinamentos é realizado de uma forma mais restrita, onde a presença dos pais muitas vezes não é recomendada ou mesmo aceita.

Os pais que participaram da pesquisa declararam que, muitas vezes, os horários em que as crianças estavam na escolinha coincidiam com o seu horário de trabalho. Disseram também que, por haverem procurado um local de confiança para a iniciação da prática esportiva dos filhos, não viam necessidade da sua presença constante. Alguns atletas moravam perto do local da prática esportiva e muitas vezes não precisavam nem de transporte para as aulas.

A atuação dos pais na iniciação dos treinamentos (questão 2) mostrou o envolvimento dos pais no sentido de motivar os filhos para a prática do esporte na primeira (17%) e segunda (11%) fases. A necessidade de motivação da criança, muitas vezes, se deve ao desconhecimento da prática de um esporte que não tem muito apelo popular, ou em função da dificuldade de se conseguir equipamento e instalações para a sua prática, havendo a necessidade, por parte dos pais, de introduzir e acompanhar seus filhos nesse novo esporte.

Na terceira fase, 100% dos atletas já estavam automotivados, provavelmente, por já terem diversificado suas experiências esportivas na primeira fase e já estarem envolvidos em um processo de treinamento de forma mais intensa, como sugerem B. S. Bloom (1985) e Côté (1999), ou ainda, por já conhecerem bem o tênis e por gostarem e dominarem as habilidades básicas desse esporte, como foi encontrado no trabalho de Carlsson (1993). Esses fatores podem aumentar a motivação e o comprometimento do atleta com o tênis, o que está de acordo com os achados de Ericsson et al. (1993) e Ericsson (1996) sobre o aumento da motivação na prática deliberada. Resultados semelhantes foram encontrados por Salmela et al. (2000) a respeito do aumento da dedicação e do interesse no esporte pelo qual eles tenham sido “fisgados”. Essas razões seriam suficientes para que não houvesse tanta necessidade da atuação dos pais para encorajá-los a praticar esse esporte, como sugerem também Csikszentmihalyi et al. (1993) e Wylleman et al. (2000).

Davidson et al. (1996) encontraram alto envolvimento dos pais na prática dos filhos com a música, principalmente com relação à motivação nos ensaios em casa. Com relação ao futebol no Brasil, essa motivação parece não ser necessária (MORAES et al., 2000a, 2000b; SALMELA & MORAES, 2001; RABELO, 2002), uma vez que

podemos considerá-lo como o esporte da paixão nacional, presente na mídia diariamente. Sua prática ocorre tanto nas escolas e clubes quanto nas ruas e locais sem instalações específicas, ou complexos esportivos, como nos países estrangeiros tidos como desenvolvidos nesse esporte (CARLSSON, 1993).

O envolvimento dos pais nas atividades esportivas da criança (questão 3) se mostrou elevado no sentido de propiciar atividades e delas participar ativamente, principalmente na primeira (61%) e na segunda (50%) fases. Na primeira fase, principalmente, é importante que os pais ofereçam uma diversidade de estímulos no âmbito esportivo, dando oportunidade aos filhos para experimentar vários esportes e enfatizando o prazer. Esses mesmos resultados foram encontrados nos trabalhos de B. S. Bloom (1985) e Côté (1999), em que na fase inicial do desenvolvimento é grande influência dos pais, no sentido de propiciar estímulos diversos para seus filhos no esporte, e na pesquisa sobre transição na carreira dos atletas, de Salmela et al. (2000), em que o apoio dos pais, no estágio inicial, é de fundamental importância para o desenvolvimento do atleta. De acordo com Carlsson (1993), além das estruturas formais para o desenvolvimento dos atletas no esporte, a estrutura básica mais importante na fase inicial é a família e a quantidade e a variedade de oportunidades que os pais oferecem para seus filhos no meio esportivo. O fato de os pais propiciarem um ambiente agradável e interessante para a prática de atividades físicas, especialmente no início do contato com os esportes, pode ser um fator determinante para o maior envolvimento dos atletas no ambiente esportivo. Essa também parece ser a conclusão de outros autores que apresentaram, em suas pesquisas, resultados similares quanto ao envolvimento dos pais na introdução dos filhos no ambiente esportivo, procurando apoiar sem criar situações de cobranças de resultados e sem criar estresse (CSIKSZENTMIHALYI et al.,

1993; HELLSTEDT, 1987; STEIN, RAEDEKE & GLENN, 1999, e WYLLEMAN et al., 2000). Ainda, o envolvimento desses pais no ambiente esportivo, atuando ativamente e participando das atividades, parece ser um modelo que desperta o gosto e o interesse dos filhos pelos esportes, o que está de acordo com as conclusões de Côté (1999) e Salmela et al. (2000).

Na terceira fase esse envolvimento diminuiu para 28%, provavelmente por causa do tempo dedicado pelos filhos ao treinamento e aos estudos, e houve um aumento, de 11%, nas duas primeiras fases, para 33%, na terceira fase, no comportamento de se oferecer quando solicitado para participar das atividades e demonstrar interesse, ao perguntar pelas atividades (6% na primeira, 17% na segunda e 22% na terceira fases). O não envolvimento por parte dos pais também diminuiu na terceira fase, mostrando que, mesmo não participando ativamente, os pais se interessavam pelas atividades dos filhos, se ofereciam, ou estavam prontos a participar quando solicitados. Embora nesta questão não tenha havido uma mudança de comportamento estatisticamente significativa, houve uma forte tendência nesse sentido durante as três fases.

Com relação ao acompanhamento de eventos esportivos dos filhos (questão 4), constatou-se que os pais procuravam sempre comparecer às competições: 89% nas três fases de desenvolvimento. Na primeira fase, 39% dos pais compareciam às competições mais de quatro vezes ao ano e 50% compareciam de uma a quatro vezes por ano. Na segunda fase, 33% compareciam às competições mais de quatro vezes ao ano, e 56% compareciam de uma a quatro vezes. Na terceira fase, os que compareciam regularmente (acima de quatro vezes) foram apenas 22%, enquanto aumentou para 67% o percentual dos que compareciam ocasionalmente, de uma a quatro vezes ao ano.

Embora não tenha sido significativa a mudança de comportamento, parece haver uma forte tendência neste sentido.

Durante as entrevistas, praticamente todos os pais declararam acompanhar todos os jogos na cidade e em locais próximos nos fins de semana. Eles acreditam que, com o aumento do nível técnico dos atletas, eles passaram a disputar um número maior de competições fora da cidade e até em estados distantes, fora do período de férias, dificultando ou até mesmo impossibilitando aos pais acompanharem as competições.

Esse comportamento está de acordo com o encontrado em outras pesquisas, nas quais a presença dos pais é sentida mais como apoio e incentivo (B. S. BLOOM, 1985; CÔTÉ, 1999; SALMELA et al., 2000), de forma moderada (HELLSTEDT, 1987), e positiva, sem cobranças por resultados imediatos (STEIN et al., 1999), o que demonstra que uma estrutura familiar e social é importante para o desenvolvimento esportivo dos filhos (CARLSSON, 1993; Salmela et al., 2000; WYLLEMAN et al., 2000). A convivência familiar ensina a criança a lidar com situações de dificuldades e a superá-las, através de esforço e confiança (CSIKSZENTMIHALYI et al., 1993; ERICSSON et al., 1993). No trabalho de Davidson et al. (1996), o comportamento declarado pela maioria dos pais era de simplesmente escutar música em casa (nível 3 de envolvimento), o que corresponde, na nossa pesquisa ao nível três: assistir às competições, regularmente, pela televisão.

Com relação à orientação no treinamento de seus filhos (questão 6), não foi constatado um grande envolvimento por parte dos pais. Eles se limitavam a dar alguma orientação além daquela que o técnico passava ou a contar suas experiências como ex-atletas (44% dos pais, nas três fases). Os pais também trocavam com o técnico informações relativas à orientação sobre o treinamento dos filhos (28% na primeira fase

e 39% na segunda e terceira fases), uma vez que alguns pais declararam que, devido ao estágio atual de desenvolvimento de seus filhos como atletas, não se sentiam em condições de oferecer orientação técnica e tática que pudesse ajudar.

De qualquer forma, davam outros tipos de orientações, como, por exemplo, sobre comportamento e sobre “aspectos psicológicos” relacionados à autoconfiança, paciência, como encarar vitórias e derrotas, cuidados com o material, alimentação e medidas a serem tomadas para prevenir as lesões ou cuidar delas. Os pais procuravam ainda abordar questões relativas a metas e objetivos, valorizando o esforço e a dedicação sem gerar estresse na situação de competição, nem cobrar resultados.

Esse tipo de orientação configura-se como um apoio moral e social da família para os atletas e demonstra que o diálogo faz parte da formação do indivíduo, além da formação esportiva. A atuação dos pais nesse sentido aparece em diferentes pesquisas nas quais são apresentados conceitos e definições como: nos padrões da dinâmica da família (CÔTÉ, 1999) em que os pais têm funções e atuações diferentes em cada fase do desenvolvimento dos filhos; o complexo familiar de Csikszentmihalyi et al. (1993), que mostra como uma família estruturada atua de forma a estimular o desenvolvimento dos *experts*; as diferentes estruturas do meio ambiente (CARLSSON, 1993) que influenciam o atleta, entre elas, os pais que dão apoio e acompanham o desenvolvimento dos filhos no esporte; os tipos de envolvimento dos pais (HELLSTEDT, 1987), com destaque para o envolvimento moderado daqueles pais que dão orientação, apóiam e permitem a seus filhos tomarem decisões sobre sua participação e comprometimento no esporte, sem cobrar de forma excessiva, e se esforçam para proporcionar as melhores condições para seus filhos se desenvolverem.

Resultados similares sobre a mudança da rotina diária das famílias foram encontrados nos estudos de Salmela et al. (2000) sobre como os pais se adaptam e se dedicam às necessidades esportiva dos filhos; no tipo de atuação das famílias na escolha e na transição ao longo da carreira dos atletas, na pesquisa de Wylleman et al. (2000), e nos comportamentos que são considerados positivos e não geradores de estresse devido a cobranças excessivas por parte dos pais (DE ROSE JÚNIOR, 1995; SOBRINHO, MELLO & PERUGGIA, 1997; STEIN et al., 1999; VIANNA JÚNIOR et al., 2001a, 2001b).

As respostas dadas à questão 9, que investigava as atividades extras praticadas pelos atletas, demonstrou que eles faziam outros tipos de atividades no tempo livre (39% na primeira fase, 56% na segunda e 44% na terceira fase), tais como musculação, corrida, natação, bicicleta e alongamento, que eles consideravam extras, mas cujo objetivo era melhorar a condição física e as habilidades para o tênis.

Concluiu-se também que, da primeira (39%) para a segunda e terceira fases (11%), as crianças foram parando de brincar de forma não estruturada. Houve também um aumento (11% na primeira fase, 33% na segunda e 44% na terceira fases) dos atletas que não praticavam atividades extras. Esses comportamentos parecem estar coerentes com os resultados encontrados por B. S. Bloom (1985) e Côté (1999), que apresentam uma mudança de comportamento similar da primeira para a segunda fase em suas pesquisas, quando os atletas diminuem as atividades extras e concentram-se em uma ou duas atividades específicas. Há, ainda, um aumento da ênfase no esporte e nos estudos (CÔTÉ, 1999; CSIKSZENTMIHALYI et al., 1993; SALMELA et al., 2000), o que provavelmente ocupa o tempo do atleta diariamente, e o tempo que restava além do treinamento é dedicado aos estudos.

As respostas dadas à questão sobre o envolvimento dos pais nos treinamentos formal e informal dos filhos mostram que ele foi expressivo, significativo e importante para o desenvolvimento esportivo destes. Esses resultados estão de acordo com o tipo de comportamento encontrado na literatura, que faz referência à participação e à influência dos pais no desenvolvimento do *expert*, em diversas áreas de *expertise* (B. S. BLOOM, 1985; CSIKSZENTMIHALYI et al., 1993; DAVIDSON et al., 1996) assim como no esporte (CARLSSON, 1993; Côté, 1999; HELLSTEDT, 1987, 1990; SALMELA, 1996; SALMELA et al., 2000; STEIN et al., 1999; VIANNA JÚNIOR et al., 2001a, 2001b e WYLLEMAN et al., 2000).

Entretanto, as pesquisas realizadas no Brasil, com jovens atletas jogadores de futebol (MORAES et al., 2000a, 2000b), e seus pais (SALMELA & MORAES, 2000; RABELO, 2002) revelam que o envolvimento dos pais no treinamento dos filhos foi pequeno e, em alguns momentos, quase inexistente, apesar de os atletas terem se desenvolvido no esporte.

5.3.1.2 - A experiência esportiva vivida pelos pais

A pesquisa revelou que havia um grande envolvimento dos próprios pais com o esporte (questão 5), principalmente com o tênis, esporte praticado pela maioria dos pais entrevistados.

Uma grande percentagem (73%) dos pais praticava esporte como atleta de alto nível, regularmente como amador, ou ocasionalmente, na primeira fase. Houve uma mudança significativa no nível de envolvimento desses pais: 39% dos pais jogavam como amadores, na primeira fase, 28%, na segunda fase, e 11%, na terceira fase. Os que

praticavam ocasionalmente passaram de 28% para 44% na segunda fase e 50% na terceira fase, respectivamente.

Se considerarmos que esses pais praticaram tênis de forma amadora, inclusive se dedicando ao treinamento e participando de competições, provavelmente houve uma diminuição do tipo de dedicação ao longo dos anos investigados. Este comportamento pode ter-se modificado: eles continuaram praticando o esporte apenas por prazer, relacionamento social ou lazer. De qualquer forma, parece que isto serviu de incentivo e influência positiva para os filhos.

Nas entrevistas, vários pais declararam que iniciaram seus filhos na prática do tênis, inicialmente como divertimento e posteriormente como iniciação ao treinamento ou simplesmente como aprimoramento das habilidades do jogo.

Encontrou-se na literatura descrições dos padrões de comportamento dos pais (CÔTÉ, 1999) com relação ao seu envolvimento na prática do esporte ou participando junto com seus filhos (CARLSSON, 1993) e a modificação desse comportamento durante as três fases do desenvolvimento dos atletas. Os filhos eram estimulados ao serem levados para o clube, ou algum outro local, para assistir ou acompanhar sua atividade esportiva, e, inclusive, com a participação nas atividades junto aos pais, (B. S. BLOOM, 1985; CARLSSON, 1993; Côté, 1999; CSIKSZENTMIHALYI et al., 1993). Houve, até mesmo, pais que retomaram o interesse pela prática esportiva em função do desenvolvimento do filho/atleta. Esse comportamento foi de grande importância para a participação, formação e desenvolvimento dos atletas, encontrado também nas pesquisas de Salmela et al. (2000) e Wylleman et al. (2000).

Na pesquisa de Davidson et al. (1996) com música, os pais declararam que, no maior envolvimento, eles não chegavam a tocar música, mas apenas escutar, embora se

declarassem mais interessados em música com o aumento da *performance* de seus filhos.

Todavia, nos trabalhos com atletas de futebol (MORAES et al., 2000a, 2000b) e com seus pais (SALMELA & MORAES, 2001; RABELO, 2002), o envolvimento dos pais com esportes, em especial com o futebol, ocorreu de maneira muito discreta. Poucos pais jogaram futebol de uma forma mais estruturada, o que sugere que essa influência se devia à grande paixão que os brasileiros têm por esse esporte, pela sua grande divulgação pela mídia e ainda pelo próprio ambiente em que aqueles atletas viviam, onde se jogava futebol, praticamente, o dia inteiro, com os amigos na rua, com os colegas na escola e com os companheiros de equipe nos clubes. Portanto, as estruturas apresentadas vêm reforçar as idéias de que o ambiente esportivo é determinante na influência da escolha e do desenvolvimento do atleta no esporte (CARLSSON, 1993).

5.3.1.3 – A influência dos pais nos estudos e futuro profissional dos filhos

As respostas à questão sobre a influência dos pais na escolha da carreira profissional dos filhos (questão 7) mostraram que, na primeira fase, 61% dos pais não davam opinião e muitas vezes não discutiam esse assunto com os filhos, enquanto 28% dos pais sugeriam algumas profissões não relacionadas ao esporte. Provavelmente nessa fase, até sete anos, o futuro profissional estava muito distante e esse assunto raramente era abordado. Alguns filhos já tinham idéia da área profissional em que queriam atuar,

muitas vezes seguindo a carreira dos pais, mas não havia certeza da escolha naquela época.

Na segunda fase, apenas 28% dos pais continuavam a não opinar sobre o futuro profissional dos filhos, enquanto a discussão e a sugestão de profissões não relacionadas ao esporte aumentaram para 50%. Apareceram ainda sugestões sobre profissões relacionadas ao esporte, inclusive a de atleta profissional (22%).

Na terceira fase, 28% dos pais continuam a não opinar sobre a profissão, 44% oferecem sugestão de profissões não relacionadas ao esporte e cresce para 28% o percentual de pais que sugerem que o filho seja atleta profissional. A diferença de comportamento foi significativa nessa questão e parece-nos que, com o desenvolvimento do filho no tênis, começa a se vislumbrar alguma possibilidade de este vir a integrar o circuito profissional desse esporte.

A maioria dos entrevistados, no entanto, declarou que sabia que ser atleta profissional era uma realidade muito difícil e que poucos teriam a chance de estar no topo do *ranking* internacional. Assim, existia a orientação de se ter uma carreira profissional não relacionada ao esporte.

Por outro lado, alguns entrevistados estavam dispostos a aproveitar a boa *performance* dos atletas e investir na carreira de atleta profissional, mesmo que isto significasse sacrificar de alguma forma a qualidade dos estudos ou, simplesmente, deixar a educação formal para um momento posterior à vida profissional de tenista. Nesse ponto, a dedicação ao esporte de forma profissional poderia, inclusive, ser a oportunidade de se conseguir uma bolsa de estudos em universidades estrangeiras.

O fato de alguns pais não darem opinião sobre o futuro profissional, mesmo nas últimas duas fases, é visto como uma forma de confiança no filho ou liberdade para a escolha da profissão.

Apesar de não haver na literatura pesquisas relacionadas à escolha da carreira profissional dos atletas durante o seu desenvolvimento, essa situação parece ser bem típica de nossa sociedade, em função de sua estrutura educacional. O ensino médio, geralmente, é voltado para a aprovação no vestibular, o que, de certa forma, gera um estresse nos estudantes. O tempo dedicado aos estudos e a carga de atividades e tarefas durante o ensino médio dificultam a dedicação necessária aos treinamentos para se atingir o nível de excelência nos esportes e nele se manter.

A questão 8 (cobrança nos estudos, assim como nos esportes) mostrou que os pais se preocupam não apenas com o esporte, como também com o desempenho nos estudos (67% na primeira fase, 72% na segunda e 67% na terceira fase). Todos os atletas se empenhavam nos estudos e conseguiam manter um bom desempenho escolar, e apesar das declarações dos entrevistados de que os atletas não tinham problemas com notas, haveria cobrança por parte dos pais, caso não houvesse desempenho adequado.

A disciplina a que o atleta é submetido no ambiente esportivo, sua organização e a definição de metas parecem proporcionar ao atleta uma forma de se organizar e agir de modo mais eficiente para atender às necessidades dos estudos.

A partir da segunda fase aumenta a cobrança dos pais por *performance* nos estudos, assim como nos esportes (CÔTÉ, 1999; SALMELA et al., 2000). Talvez, como dissemos, devido à preocupação com o vestibular, a cobrança dos pais por bom desempenho nos estudos, assim como nos esportes, foi o comportamento mais constante

nas três fases (MORAES et al., 2001; RABELO, 2002; VIANNA JÚNIOR et al., 2001a, 2001b).

5.3.1.4 – A rotina familiar

A mudança da rotina das famílias em função da prática dos filhos (questão 10) demonstra um envolvimento significativo ao longo do tempo para atender às necessidades das atividades esportivas destes filhos.

Na primeira fase, 72% das respostas indicaram que não foi feita qualquer mudança na rotina, por parte dos pais, enquanto 17% dos entrevistados relatou que alguma mudança nos horários dos afazeres foi feita, para atender aos compromissos esportivos de seus filhos. Na segunda fase houve uma modificação no comportamento dos pais: 50% das famílias realizaram qualquer mudança na sua rotina, enquanto aumentava para 50% o percentual das famílias que mudaram sua rotina. Na terceira fase aumentou para 56% o percentual dos pais que mudaram os horários e diminuiu para 44% o percentual de famílias que não realizaram mudanças na rotina.

Segundo Côté (1999), na segunda fase, além de os pais desenvolverem um interesse crescente pelo esporte dos filhos, eles assumiam um compromisso financeiro e de tempo com os filhos-atletas. Na terceira fase, os pais demonstravam grande interesse no esporte de seus filhos e ajudavam os atletas a superar as situações e dificuldades que atrapalhavam a progressão do treinamento.

Durante as entrevistas, esclareceram-se alguns pontos com relação às mudanças das rotinas familiares. Muitos atletas moravam relativamente próximo aos clubes e,

muitas vezes, não havia necessidade de os pais os levarem ou buscarem. Alguns clubes possuíam uma estrutura de transporte para os locais de treinamento e competição, liberando os pais dessa função. Muitas vezes, a mudança na rotina se verificava apenas nos fins de semana em que havia competições, ou nos períodos de férias das famílias, quando o atleta tinha compromissos de treinamento e, principalmente, competição.

Na questão 11, procuramos verificar a frequência com que os pais e os filhos se encontravam. Nas três fases, os pais e filhos se encontravam todos os dias (100%), o que propicia um apoio social e moral importante para o desenvolvimento dos filhos (CARLSSON, 1993; Côté, 1999; CSIKSZENTMIHALYI et al., 1993), um envolvimento familiar com bases estáveis e moderadas (HELLSTEDT, 1987, 1990) e ajuda para superar as dificuldades que possam interferir no desenvolvimento esportivo dos filhos (CÔTÉ, 1999; SALMELA et al., 2000; WYLLEMAN et al., 2000).

Na realidade brasileira, essa convivência diária parece ser também um fator positivo para o desenvolvimento dos filhos de famílias da classe média em esportes como ginástica rítmica (VIANNA JÚNIOR et al., 2001a, 2001b) e voleibol (MORAES et al., 2001). Em pesquisas realizadas com jovens atletas de futebol provenientes da classe de baixa renda (MORAES et al., 2000a, 2000b; SALMELA e MORAES, 2001; RABELO, 2002), a convivência dos pais com os filhos ocorria de forma mais efetiva apenas na primeira e segunda fases. Na terceira fase, os atletas, em sua maioria do interior, mudavam-se para a capital para jogar nos grandes clubes. Essas famílias se encontravam apenas uma vez a cada três meses ou mais, porém isto não parece ter sido uma interferência negativa no desempenho dos atletas .

Os pais têm um papel muito importante no desenvolvimento esportivo dos filhos. Desde o início servem de modelo e estimulam de forma variada as atividades

esportivas (B. S. BLOOM, 1985; Côté, 1999; CSIKSZENTMIHALYI et al., 1993) e servirão de base para uma escolha futura da modalidade (SALMELA et al., 2000; WYLLEMAN et al., 2000). Na fase intermediária, os filhos passam a treinar um esporte de forma mais estruturada (CARLSSON, 1993), os pais aumentam seu envolvimento e é necessário maior apoio moral e social (HELLSTEDT, 1987, 1990; STEIN et al., 1999), assim como um aumento do aporte de recursos financeiros e materiais (CÔTÉ, 1999; ERICSSON, 1996; VIANNA JÚNIOR et al., 2001a, 2001b) para a melhora do desempenho esportivo, até a terceira fase, final, em que os atletas já têm maior liberdade e os pais são responsáveis pelo aumento do investimento de tempo e dinheiro (Côté, 1999; Filgueira Júnior, 2000) e, na maioria das vezes, realizam uma mudança na rotina para atenderem às necessidades de seus filhos (CÔTÉ, 1999; SALMELA et al., 2000; WYLLEMAN et al., 2000) que alcançaram o nível de *expert*.

Embora nas pesquisas do desenvolvimento da *performance* em várias áreas o envolvimento dos pais seja importante (B. S. BLOOM, 1985; CSIKSZENTMIHALYI et al., 1993), no trabalho de Davidson et al. (1996) os pais mostraram um envolvimento menor do que os pais de atletas investigados nesta pesquisa e em pesquisas com outros esportes (MORAES et al., 2001; RABELO, 2002; VIANNA JÚNIOR et al., 2001a, 2001b), que utilizaram o mesmo instrumento (FRC).

Aspectos educacionais

Apesar de não ser intenção desta pesquisa investigar o nível educacional dos atletas nem de seus pais, a educação parece ser um fator importante no desenvolvimento do atleta, assim como a postura e influência dos pais com relação ao ambiente esportivo.

As pesquisas realizadas sobre o desenvolvimento de atletas por nosso grupo de trabalho apontaram diferentes níveis de escolaridade e classes sociais das famílias entrevistadas, entre os vários esportes.

As pesquisas realizadas com atletas de futebol (MORAES et al., 2000a, 2000b), assim como com seus pais (RABELO, 2002) demonstraram que suas famílias eram de classe social mais baixa. O nível de escolaridade dos pais era, 60% de ensino básico (1º grau), 30% de ensino médio (2º grau), 5% não tinha estudos e 5% possuíam diploma de curso superior. Os atletas, em sua maioria, estavam estudando por determinação dos clubes em que treinavam, mas havia uma defasagem entre série e idade. Em apenas um dos clubes os atletas tinham um nível de escolaridade mais avançado, sendo que alguns estavam prestando exame vestibular.

Dos atletas de voleibol, com idade média de 19 anos, investigados por Moraes et al. (2001), 42% eram estudantes do nível médio (2º grau), 16% haviam concluído o ensino médio e 42% eram universitários. Cerca de 8% dos pais desses atletas tinha o ensino básico, 58% o ensino médio e 17% o nível universitário completo. Não responderam à questão 17% dos pais.

Vianna Júnior et al. (2001a, 2001b) entrevistaram atletas de GRD, entre 8 e 12 anos (categoria infantil) e entre 14 e 17 anos (categoria juvenil), e pelo menos um dos pais de cada atleta. Destes, 20% haviam concluído o ensino básico (1º grau), 30% o ensino médio (2º grau), e 50% possuíam diploma de curso superior completo, sendo que 10% dos pais tinham especialização (lato sensu). As atletas dessa modalidade eram estudantes de ensino básico ou médio.

Os atletas de tênis investigados nesta pesquisa eram todos estudantes do ensino médio, com idade entre 15 e 17 anos, na época da entrevista. O estudo com os pais

revelou que 12% tinham o ensino médio completo e 88 % o ensino superior completo, sendo que a metade deles tinha diploma de especialização (lato sensu).

Em pesquisa com alguns atletas de voleibol de alto nível que disputaram a liga nacional e haviam sido convocados para a seleção brasileira juvenil, Lerbach (2002) encontrou uma relação entre o nível de escolaridade e o desempenho tático de atletas no voleibol. Esse autor sugere que os estudos podem melhorar o intelecto do indivíduo, assim como desenvolver aspectos cognitivos e processos mentais que podem contribuir diretamente com o desempenho tático dos atletas, promovendo o autoconhecimento e auxiliando no controle emocional que pode interferir no desempenho esportivo.

Aspectos socioeconômicos

Com relação aos aspectos socioeconômicos das famílias desses tenistas, verificou-se que existia um alto investimento financeiro, por parte dos pais, para que seus filhos iniciassem e se desenvolvessem nesse esporte. Esses gastos incluíam desde a compra de material esportivo, pagamento de professores na fase inicial, e às vezes, de técnicos melhores na fase atual, até o custeio de passagens e hospedagem em competições nacionais e internacionais. A renda familiar dos entrevistados era, em média, de R\$ 6.000,00 (US\$ 2.400,00), sendo que 11% das famílias ganhavam entre 10 e 20 salários mínimos, 67% ganhavam entre 20 e 40 salários mínimos e 40% ganhavam acima de 40 salários mínimos.

Nos estudos realizados com atletas de GRD (VIANNA JÚNIOR et al., 2001a, 2001b), com idade entre 8 e 12 anos e 14 e 17 anos, usando a mesma metodologia desta pesquisa, encontrou-se, também, um elevado investimento financeiro por parte dos pais

para o desenvolvimento de suas filhas no esporte. As famílias eram de classe média-alta com renda familiar média de R\$ 4.500,00 (US\$ 2.432,00) sendo que 20% das famílias ganhavam entre 10 e 20 salários mínimos, 40% entre 20 e 40 salários mínimos e 40% acima de 40 salários mínimos.

Na pesquisa com atletas de voleibol (MORAES et al., 2001), investigando apenas os atletas deste esporte, com idade média de 19 anos, verificou-se que as famílias pertenciam em sua maioria à classe média, embora alguns atletas fossem originários de famílias de menor poder aquisitivo, e outros da classe alta. A maioria dos atletas não respondeu à questão relativa à renda familiar, mas um dos pesquisadores pertencia àquela comunidade e conhecia a maior parte dos atletas, assim como sua origem e desenvolvimento esportivo.

No estudo com atletas de futebol (MORAES et al., 2000a, 2000b e RABELO, 2002), com idade entre 17 e 18 anos, a renda familiar média era de R\$ 500,00 (US\$ 303,00). Esses atletas em sua quase totalidade vinham de pequenas cidades do interior do país e eram originários de famílias de classe mais baixa, muitas vezes sem nenhum recurso financeiro.

De acordo com Ericsson et al. (1993), as restrições de recursos, de motivação e de esforço podem ser fatores determinantes, e muitas vezes limitantes, do desenvolvimento de atletas que buscam o alto-nível, tornando-lhes a “prática deliberada” como forma ideal de se alcançar a excelência. Todavia, a influência dos pais investigados nesta pesquisa parece ter sido eficiente no sentido de superar essas restrições, iniciando e motivando seus filhos e participando nas suas atividades esportivas, realizando investimentos financeiros expressivos na fase inicial, na busca por melhores condições

de desenvolvimento, na aquisição de recursos materiais e no custeio dos gastos envolvidos em competições nacionais e internacionais, na fase mais recente.

O nível de escolaridade mais alto parece ser um fator que influencia a condição socioeconômica, proporcionando um emprego melhor remunerado, e conseqüentemente, a melhor qualidade de vida da família. Essa situação reflete ainda a importância que é dada, pelos pais, ao ambiente esportivo na formação de seus filhos e ao esforço para que as melhores condições materiais e estruturais sejam proporcionadas nessa formação.

Talvez o modelo de B. S. Bloom (1985) não possa ser totalmente aplicado para a realidade de países em desenvolvimento, mais especificamente no caso do futebol no Brasil. Embora o investimento financeiro seja muito importante no desenvolvimento dos atletas, parece que no futebol outros fatores como a prática não estruturada, muitas vezes realizada por mais de 10 horas por dia, o prazer, a possibilidade de ascensão social e econômica, influenciam de forma a compensar a falta de recursos e o investimento por parte das famílias daqueles atletas (Moraes et al., 2001; Rabelo, 2002 e Salmela & Moraes, no prelo).

Parece haver uma similaridade com os modelos internacionais, apenas nos esportes de classe média (MORAES et al., 2001) e média-alta (VIANNA JÚNIOR et al., 2001a, 2001b) o que está de acordo com os resultados encontrados por Carlsson, (1993), Côté (1999), Hellstedt (1987), Salmela et al. (2000) e Wylleman et al. (2000).

Existe a necessidade de uma investigação mais profunda sobre o nível de educação dos pais e dos atletas, assim como dos fatores socioeconômicos, além de outros fatores contextuais que podem influenciar o desenvolvimento dos atletas.

Os modelos de desenvolvimento (B. S. BLOOM, 1985; CÔTÉ, 1999), as estruturas familiares (CÔTÉ, 1999; CSIKSZENTMIHALYI et al., 1993), as estruturas sociais e esportivas (CARLSSON, 1993), os tipos de relacionamento e envolvimento dos pais (HELLSTEDT, 1987, 1990; STEIN et al., 1999), as transições na carreira dos atletas (SALMELA et al., 2000; WYLLEMAN et al., 2000) e as estruturas organizacionais de treinamento (CÔTÉ et al., 1995; SALMELA, 1996), assim como as pesquisas realizadas na realidade do esporte brasileiro (MORAES et al., 2000a, 2000b; MORAES et al., 2001; RABELO, 2002; VIANNA JÚNIOR et al., 2001a, 2001b) podem ser uma referência importante e uma base teórica para se orientar os pais, para que eles possam contribuir para o desenvolvimento de seus filhos nos esportes, aumentando as possibilidades de serem atletas *experts*.

6 - Conclusão

O objetivo deste trabalho foi de investigar a influência desempenhada pelos pais no desenvolvimento de atletas jovens tenistas, classificados nos cinco primeiros lugares, masculino e feminino, na categoria de 15-16 anos do *ranking* da Federação Mineira de Tênis, na temporada de 2001. Os resultados da pesquisa mostraram um elevado nível de envolvimento dos pais desses atletas, durante as diferentes fases de desenvolvimento dos filhos, corroborando a maior parte da literatura encontrada.

Verificou-se que o envolvimento dos pais ocorreu de uma forma moderada, de acordo com o conceito de Hellstedt (1987), com os pais servindo de exemplo, motivando, propiciando e incentivando as atividades esportivas dos filhos e oportunizando a diversificação da experiência esportiva desde a fase inicial.

O envolvimento dos pais foi maior no que se refere ao acompanhamento das competições esportivas dos filhos. Constatou-se também que os pais estavam constantemente em contato com os técnicos e davam alguma orientação ou, como ex-atletas, passavam experiência para os filhos.

A pesquisa revelou também que os pais cobravam bom desempenho nos estudos como nos esportes, e que os atletas tinham boas notas. Os pais procuravam discutir e orientar a escolha profissional dos seus filhos, mas davam autonomia para eles escolherem uma carreira profissional.

Com respeito à rotina familiar, a pesquisa constatou que havia contato diário entre pais e filhos, o que parece ter representado uma influência positiva, um apoio moral e social importante para o desenvolvimento desses atletas. Foi feito um alto

investimento financeiro e de tempo por parte dos pais para o desenvolvimento de seus filhos, e houve alguma mudança na rotina dos pais para atender às necessidades esportivas dos filhos, a partir da segunda fase.

O grau de instrução elevado dos pais e o nível socioeconômico das famílias, classe média-alta, podem ser fatores importantes no aumento do envolvimento dos pais nas atividades esportivas dos filhos.

7 - Recomendações

- 1 – Realizar um estudo comparando atletas colocados em várias posições no *ranking*.
- 2 – Reestruturar o Formulário de Respostas Codificadas, adaptando-o para várias modalidades esportivas.
- 3 – Incluir novas categorias no Formulário de Respostas Codificadas, sobre apoio financeiro dos pais, estrutura dos clubes e metas a médio e longo prazo, dos atletas e pais.
- 4 – Aumentar o tamanho da população, de atletas e pais, incluindo outras categorias.
- 5 – Realizar uma nova pesquisa com estes atletas para verificar a continuação de seu desenvolvimento em suas carreiras.

8 - Referências Bibliográficas

- 1 BLOOM, B. S. **Developing talent in young people**. New York: Ballantine, 1985. 560 p. ISBN 0-345-31951-6.
- 2 BLOOM, G.A.; SALMELA, J.H. Personal Characteristics of Expert Team Sport Coaches. **Journal of Sport Pedagogy – Teaching and coaching in physical education and sports**, v. 6 n. 2, p. 56-76, 2000.
- 3 BLOOM, G. A.; CRUMPTON, R.; ANDERSON, J. E. A Systematic Observation Study of the Teaching Behaviors of an Expert Basketball Coach. **The Sport Psychologist**, v. 13 n. 2, p. 157-170, 1999.
- 4 BLOOM, G. A.; DURAND-BUSH, N.; SCHINKE, R.J.; SALMELA, J. H. The Importance of Mentoring in the Developmental of Coaches and Athletes. **International Journal of Sport Psychology**, n. 29, p. 267-281, 1998.
- 5 BLOOM, G. A.; DURAND-BUSH, N.; SALMELA, J. H. Pre- and Post Competition Routines of Expert Coaches of Team Sports. **The Sport Psychologist**, n. 11, p. 127-141, 1997.
- 6 BLOOM, G. A.; SCHINKE, R. J.; SALMELA, J. H. The Developmental of Communication Skills by Elite Basketball Coaches. **Coaching and Sport Science Journal**, v. 2, n. 3, p. 3-10, 1997.
- 7 CARLSSON, R. The Path to the National Level in Sports in Sweden. **Scand. J. Med. Sci. Sports**, n. 3, p. 170-177, 1993.
- 8 CÔTÉ, J.; SALMELA, J. H.; TRUDEL, P.; BARIA, A.; RUSSELL, S. J. The Coaching Model: A Grounded Assessment of Expert Gymnastic Coaches' Knowledge. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, n. 17, p. 1-17, 1995.
- 9 CÔTÉ, J.; RUSSELL, S.; SALMELA, J. H. The Knowledge of High-Performance Gymnastic Coaches: Methodological Framework. **The Sport Psychologist**, v. 9, n. 1, p. 65-75, 1995a.
- 10 CÔTÉ, J.; RUSSELL, S.; SALMELA, J. H. The Knowledge of High-Performance Gymnastic Coaches: Competition and Training Considerations. **The Sport Psychologist**, v. 9, n. 1, p. 76-95, 1995b.
- 11 CÔTÉ, J. The Influence of the Family in the Developmental of Talent in Sport. **The Sports Psychologist**, n. 13, p. 395-417, 1999.
- 12 CSIKSZENTMIHALYI, M.; RATHUNDE, K.; WHALEN, S. **Talented Teenagers: The Roots Of Success & Failure**. Toronto: Cambridge University Press, 1993. 313 p. ISBN 0-521-41578-0.

- 13 DAVIDSON, J. W.; HOWE, M. J. A.; MOORE, D. G.; SLOBODA, J. A. The Role of Parental Influences in the Developmental of Musical Performance. **British Journal of Developmental Psychological**, n. 14, p. 399-412, 1996.
- 14 DE ROSE JÚNIOR, D. A Competição na Infância e Adolescência. **Ciência e Movimento**, v. 2, n. 2, p. 6-13, 1995.
- 15 **DICIONÁRIO AURÉLIO ELETRÔNICO- SÉCULO XXI**, Lexikon Informática Ltda. Versão 3.0, 1999. 1 CD-ROM.
- 16 ERICSSON, K. A. **The Road to Excellence: the Acquisition of Expert Performance in the Arts and Sciences, Sports and Games**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1996. 378 p. ISBN 0-8058-2231-3.
- 17 ERICSSON, K. A.; KRAMPE, R.; TESCH-RÖMER, C. The Role of Deliberate Practice in the Acquisition of Expert Performance. **Psychological Review**, v. 100, n. 3, p. 363-406, 1993.
- 18 ERICSSON, K. A.; LEHMANN, A. C. Expert and Exceptional Performance: Evidence of Maximal Adaptation to Task Constraints. **Annual Review of Psychology**, n. 47, p. 273-305, 1996.
- 19 FIGUEIRA JÚNIOR, A. J. Influência da Família na Atividade Física de Adolescentes. **Conexões: educação, esporte, lazer**, n. 4, p. 28-39, 2000.
- 20 HELLSTEDT, J. C. The Coach/Parent/Athlete Relationship. **The Sport Psychologist**, n. 1, p. 151-160, 1987.
- 21 HELLSTEDT, J. C. Early Adolescent Perceptions of Parental Pressure in the Sport Environment. **Journal of Sport Behavior**, v. 13, n. 3, p. 135-144, 1990.
- 22 HOWE, M. J. A.; DAVIDSON, J. W.; SLOBODA, J. Innate Talents: Reality or Myth? **Behavioral and Brain Sciences**, n 21, p. 399-442, 1998.
- 23 LERBACH, A. M. **“O nível de escolaridade e o desempenho tático de jogadores de voleibol de alto rendimento.”**. 2002. 228 f. Dissertação (Mestrado em Educação). UNINCOR, Três Corações.
- 24 MATHISON, S. Why Triangulate? **Educational Researcher**, v.17, p. 13-17, 1988.
- 25 MILES, M. B.; HUBERMAN, A. M., **Qualitative Data Analysis**, 2 ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 1994. 350 p. ISBN 0-8039-4653-8.
- 26 MORAES, L. C.; DURAND-BUSH, N.; SALMELA, J. H. Modelos de Desenvolvimento de talentos. In: SAMULSKI, D. M. (ed) **Novos conceitos em Treinamento Esportivo. Publicações INDESP**, 1999. p. 171-190.

- 27 MORAES, L. C.; SALMELA, J. H.; RABELO, A. S. O Desenvolvimento do Desempenho Excepcional de Jogadores Jovens do Futebol Mineiro. In: I CONGRESSO CIENTÍFICO LATINO-AMERICANO, 2000, São Paulo. **Coletânea...** São Paulo: Unimep, 2000a. p. 314.
- 28 MORAES, L. C.; SALMELA, J. H.; RABELO, A. S.; VIANNA JÚNIOR, N. S. The Development of Exceptional Performance of Young Brazilian Soccer Players. In: 15TH ANNUAL CONFERENCE OF THE ASSOCIATION FOR ADVANCEMENT OF APPLIED PSYCHOLOGY, 2000, Nashville. **Proceedings...** Denton, TX: RonJon Publishing, 2000b. p. 41 ISBN 1-56870-400-3.
- 29 MORAES, L. C.; SALMELA, J. H.; RABELO, A. S.; LIMA, M. S.; LOBO, I. L. B. O Desenvolvimento de Jovens Atletas de Voleibol. In: VIII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOLOGIA DO ESPORTE, 2001, Belo Horizonte. **Anais...**, Belo Horizonte, 2001.
- 30 PATTON, M. Q. **Qualitative evaluation and research methods**. Newbury Park, CA: Sage, 1980.
- 31 RABELO, A. S. **O Papel dos Pais no Desenvolvimento de Jovens Atletas de Futebol**. 2002. 104 f. Dissertação (Mestrado em Treinamento Esportivo) - Escola de Educação Física, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- 32 RABELO, A. S.; MORAES, L. C.; SALMELA, J. H. The Role of Parents in the Development of Young Brazilian Athletes in Soccer. In: 16TH ANNUAL CONFERENCE OF THE ASSOCIATION FOR ADVANCEMENT OF APPLIED PSYCHOLOGY, 2001, Orlando. **Proceedings...** Denton, TX: RonJon Publishing, 2001. p. 52. ISBN 1-56870-427-5.
- 33 SALMELA, J. H. Expert coaches' strategies for the developmental of expert athletes. **Research in Sports Sciences**, p. 5-19, 1996.
- 34 SALMELA, J. H.; MORAES, L. C. Coaching Expertise: An International Perspective. In: 10TH WORLD CONGRESS OF SPORT PSYCHOLOGY - IN THE DAWN OF THE NEW MILLENNIUM, 2001, Athens. **Proceedings...**Vol 3rd, Hellas: Christodoulidi Publications, 2001. p. 156-158. ISBN 960-7577-33-7.
- 35 SALMELA, J. H.; YOUNG, B. W.; KALLIO, J. Within-Career Transitions of the Athlete-Coach-Parent Triad. In: DAVID, L.; WYLLEMAN, P. **Career Transitions in Sport: International perspectives**. Editors Morgantown, 2000. 282 p
- 36 SALMELA, J. H.; MORAES, L. C. Development of Expertise: The Role of Coaching, Families and Cultural Contexts. In: STARKES, J. L.; ERICSSON, K. A. **Expert Performance in Sports: Advances in Research on Sport Expertise**. Champaign, IL: Human Kinetics, p. 275-296, (in press).

- 37 SCHINKE, R. J.; BLOOM, G. A.; SALMELA, J. H. The Career Stages of Elite Canadian Basketball Coaches. **Avante**, v. 1 p. 48-62, 1995.
- 38 SINGER, R. N.; JANELLE C. M. Determining Sport Expertise: From Genes to Supremes. **Int. J. Sport Psychol**, n. 30, p. 117-50, 1999.
- 39 SOBRINHO, L. G. P., MELLO, R. M. F.; PERUGGIA. L. Influência de Pais, Técnicos e Torcida. In: **Psicologia do Esporte: Temas Emergentes**. Jundiaí: Ápice, p. 59-80, 1997.
- 40 STEIN, G. L., RAEDEKE, T. D.; GLENN, S. D. Children's Perceptions of Parents Sport Involvement: It's Not How Much, But to What Degree That's Important. **Journal of Sport Behaviour**, v. 22, n. 4, p. 591-601, 1999.
- 41 VIANNA JÚNIOR, N. S.; MORAES, L. C.; SALMELA, J. H.; MOURTHÉ, K. The Role of Parents in the Development of Young Brazilian Athletes in Rhythmic Gymnastics. In: 16TH ANNUAL CONFERENCE OF THE ASSOCIATION FOR ADVANCEMENT OF APPLIED PSYCHOLOGY, 2001, Orlando. **Proceedings...** Denton, TX: RonJon Publishing, 2001a. p. 61. ISBN 1-56870-427-5.
- 42 VIANNA JÚNIOR, N. S.; MORAES, L. C.; SALMELA, J. H.; MOURTHÉ, K. O Papel dos Pais no Desenvolvimento de Atletas Jovens na Ginástica Rítmica Desportiva. In: VIII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOLOGIA DO ESPORTE, 2001, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, 2001b. p.3.
- 43 YOUNG, B. W.; SALMELA, J. H. Perceptions of Training and Deliberate Practice of Middle Distance Runners. **International Journal Sport Psychology**, n. 31, p. 1-15, 2000.
- 44 WYLLEMAN, P.; KNOPP, P.; EWING, M. E.; CUMMING, S. P. Transitions in Youth Sport: A Developmental Perspective on Parental Involvement. In: DAVID, L.; WYLLEMAN, P. **Career Transitions in Sport: International perspectives**. Editors Morgantown,. 2000. 282 p.

9 - ANEXOS

Este capítulo contém os formulários e questionários utilizados nesta pesquisa.

Anexo 1	Carta de Encaminhamento ao Comitê de Ética da UFMG
Anexo 2	Concordância da Instituição - Universidade
Anexo 3	Concordância da Instituição - Clube
Anexo 4	Formulário de Consentimento Livre e Esclarecido
Anexo 5	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - (Pais – Atletas)
Anexo 6	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - (Técnicos)
Anexo 7	Formulário de Respostas Codificadas
Anexo 8	Questionário Demográfico com os Pais
Anexo 9	Questionário Demográfico com os Técnicos
Anexo 10	Guia da Entrevista Semi-estruturada e de Aprofundamento com os Técnicos.
Anexo 11	Frequência das Respostas – FRC – Atletas e Pais
Anexo 12	Análise da Variância por Postos – Friedman
Anexo 13	Teste de Correlação por Postos – Spearman
Anexo 14	Características dos Atletas

ANEXO 1**CARTA DE ENCAMINHAMENTO**

Venho por meio desta, encaminhar o projeto de pesquisa, “O Papel dos Pais no Desenvolvimento de Jovens Atletas no Tênis”, ao comitê de ética em pesquisa para que este possa ser avaliado. Asseguro de ante-mão que este estudo, se aprovado, será realizado dentro dos maiores rigores científicos.

Belo Horizonte, 06 de maio de 2002-05-07

Prof. Dr. Luiz Carlos Moraes

ANEXO 2**Concordância da Instituição - EEFETO/UFMG**

A Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais está de acordo com a realização da pesquisa intitulada “O Papel dos Pais no Desenvolvimento de Jovens Atletas no Tênis”; sobre a orientação do Prof. Dr. Luiz Carlos Couto de Albuquerque Moraes, e disponibiliza as instalações do Laboratório de Psicologia do Esporte (LAPES/CENESP) para a realização da pesquisa.

Dr. Pablo Juan Greco
Diretor da Escola de Educação Física, Fisioterapia e
Terapia Ocupacional da UFMG

Data e Local

ANEXO 3**Concordância da Instituição - CLUBE**

Belo Horizonte, de junho de 2002

Ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG,

O Clube está de acordo com a realização da pesquisa intitulada “O Papel dos Pais no Desenvolvimento de Jovens Atletas no Tênis”; disponibiliza seus atletas das categorias de 15-16 anos e os respectivos técnicos para participarem voluntariamente do referido estudo, desde que cada um consinta sua participação mediante assinatura de um termo de consentimento livre e esclarecido; assim como permite a utilização do espaço físico de suas instalações para execução dos questionários e entrevistas.

Responsável pelo Clube

ANEXO 4

Formulário de Consentimento Livre e Esclarecido

Objetivo da Pesquisa:

Esta pesquisa “O Papel dos Pais no Desenvolvimento de Jovens Atletas no Tênis”, tem como objetivo contribuir para o conhecimento da formação do expert no esporte, mais especificamente o papel desenvolvido pelos pais na formação de seus filhos como tenistas. Muito pouco se conhece sobre o desenvolvimento de expert no esporte, especialmente no tênis, e quais as contribuições mais significantes nesse processo.

Coleta de Dados:

Amostra – Para desenvolver este projeto é necessário a colaboração de atletas, pais e treinadores de algumas categorias do tênis de Minas Gerais: será solicitada a colaboração de 10 atletas masculinos e 10 atletas femininos, de 15-16 anos, dos treinadores e principalmente dos pais, classificados no ranking da federação, dos clubes que disputaram os campeonatos tênis de Minas Gerais na temporada de 2001.

Métodos de coleta – serão realizadas, 1) entrevistas semi-estruturadas de aprofundamento, contendo perguntas sobre o desenvolvimento dos atletas e o envolvimento dos pais durante as diferentes fases desse desenvolvimento; 2) questionários, divididos em dados demográficos e questões sobre a participação dos pais no desenvolvimento dos atletas. As entrevistas serão realizadas individualmente, gravadas utilizando um gravador cassete, e será utilizado para futura transcrição e análise de conteúdo; 3) Formulário de Respostas Codificadas, que será preenchido pelo pesquisador, no momento.

Local – as entrevistas e questionários com os atletas e treinadores serão realizados nos próprios clubes de origem ou no Laboratório de Psicologia do Esporte (LAPES) do Centro de Excelência (CENESP) da EEEFTO/UFMG. As entrevistas com os pais serão realizadas, de preferência, nas próprias residências dos entrevistados, em dia e hora marcado pelos participantes.

Possíveis benefícios e riscos:

Benefícios – os resultados desta pesquisa, fornecerão um maior conhecimento sobre o papel dos pais no desenvolvimento da performance de excelência de atletas jovens do tênis dos principais clubes de Minas Gerais.

Riscos – as entrevistas, questionários e formulários não apresentarão nenhum risco para a integridade física e psicológica dos voluntários, sendo as mesmas orientadas e supervisionadas pelo orientador principal do projeto.

Informações adicionais:

Os voluntários desse estudo dispõem de total liberdade para esclarecer quaisquer dúvidas que possam surgir antes, durante e depois do curso da pesquisa, procurando o pesquisador responsável dessa pesquisa, o mestrando Newton Santos Vianna Júnior, pelo e-mail newtonviannajr@ig.com.br e/ou pelos telefones (0xx31) 3221-1906 – residencial, (0xx31) 3499-2331 – LAPES, ou com o orientador principal, o Dr. Luiz Carlos de Moraes no e-mail lmoraes@cenesp.eef.ufmg.br e/ou pelo telefone (0xx31) 3499-2348, ou através do Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG – COEP, pelo telefone 32489364; assim como estão livres para recusarem ou cancelar a participação em qualquer fase da pesquisa, sem penalidade alguma e sem prejuízo para os voluntários.

Todos os dados serão mantidos em sigilo, inclusive a identidade dos voluntários. Somente o pesquisador responsável e a equipe envolvida nesse projeto terão acesso a essas informações que serão utilizadas apenas para fins de pesquisa e publicação.

Não haverá qualquer forma de remuneração financeira para os voluntários. Todas as despesas relacionadas com este estudo serão de responsabilidade do Laboratório de Psicologia do Esporte da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.

ANEXO 5

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - (Pais – Atletas)

Eu, _____
voluntariamente, aceito participar da pesquisa intitulada “O Papel dos Pais no Desenvolvimento de Jovens Atletas no Tênis”, do Mestrado em Educação Física / Treinamento Esportivo da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, a ser desenvolvido de acordo com as informações contidas no Formulário de Consentimento Livre e Esclarecido, permitindo também a participação como voluntário do meu filho _____ nessa pesquisa, caso ele esteja de acordo.

Portanto, concordo com tudo o que foi acima citado e dou o meu consentimento

Assinatura do Voluntário: Pai _____

Mãe _____

Atleta-filho _____

Assinatura do Pesquisador Responsável : _____

Local e data: _____

ANEXO 6**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - (Técnicos)**

Eu, _____
voluntariamente, aceito participar da pesquisa intitulada “O Papel dos Pais no Desenvolvimento de Atletas no Tênis”, do Mestrado em Educação Física / Treinamento Esportivo da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, a ser desenvolvido de acordo com as informações contidas no Formulário de Consentimento Livre e Esclarecido.

Portanto, concordo com tudo o que foi acima citado e dou o meu consentimento

Assinatura do Voluntário : _____

Assinatura do Pesquisador Responsável : _____

Local e data: _____

ANEXO 7

Formulário de Respostas Codificadas – questões 1 a 3

Questões	Nível de Envolvimento														
	1			2			3			4			5		6
1	Envolvimento dos pais nas aulas do filho														
	Nenhum envolvimento nas aulas			Providenciava transporte para as aulas			Recebia retorno regularmente do professor			Estava presente às aulas					
2	Atuação dos pais na motivação do filho para o treinamento														
	Criança inteiramente motivada			Motivada, mas necessitava encorajamento dos pais			Precisava de considerável encorajamento dos pais			Não treinava sem a insistência dos pais					
3	Participação dos pais nas atividades esportivas do filho														
	Nenhuma participação			Perguntava sobre as atividades			Oferecia-se ou era solicitado para participar das atividades			Propiciava e participava ativamente das atividades					

ANEXO 8

LAPES – Laboratório de Psicologia do Esporte
Escola de Educação Física da UFMG

Questionário Demográfico com os PaisMãe Pai **Dados Pessoais**

Nome _____ Idade _____
Endereço _____ N° Apt° _____
Cidade _____ Estado CEP _____
Telefone Residencial _____ E-mail _____

Escolaridade

Nenhum	<input type="checkbox"/>	Outros	_____
1° grau	<input type="checkbox"/>	Outros	_____
2° grau	<input type="checkbox"/>	Outros	_____
Universitário	<input type="checkbox"/>		
Especialização	<input type="checkbox"/>		
Mestrado	<input type="checkbox"/>		
Doutorado	<input type="checkbox"/>		

Membros da Família

Quantas pessoas vivem na sua casa além de você? _____

Quantas pessoas trabalham na sua família? _____

Seu estado civil

Esposo(a)	<input type="checkbox"/>	Solteiro	<input type="checkbox"/>
Filho	<input type="checkbox"/>	Casado	<input type="checkbox"/>
Filha	<input type="checkbox"/>	Viúvo	<input type="checkbox"/>
Parente	<input type="checkbox"/>	Vive com alguém	<input type="checkbox"/>
Outros	<input type="checkbox"/>		

Renda Salarial

Qual é a sua ocupação profissional? _____

Valor de Salário	R\$	Pessoal	Familiar
Menos de 1	Até 200,00		
1 a 2	201,00 a 400,00		
2 a 5	401,00 a 1.000,00		
5 a 10	1.001,00 a 2000,00		
10 a 20	2.001,00 a 4.000,00		
20 a 40	4.001,00 a 8.000,00		
Acima de 40	Mais de 8.000,00		

Obrigado pela sua colaboração e caso seja necessário utilize as linhas abaixo para qualquer informação ou sugestão.

ANEXO 9

LAPES – Laboratório de Psicologia do Esporte
Escola de Educação Física da UFMG
Questionário Demográfico com os Técnicos

ANEXO 10

Entrevista Semi-estruturada e de Aprofundamento com os Técnicos

Perguntas utilizadas como linha de base da entrevista

- 1- Qual é a participação dos pais no desenvolvimento de seus filhos depois que estes iniciaram a prática neste clube?
- 2- Os pais participam de maneira negativa no desenvolvimento do seu filho?
- 3- Os pais ajudam seus filhos financeiramente, com um valor além do que recebem do clube?
- 4- Qual é o tipo de suporte, apoio, que os pais dão para os seus filhos/atletas durante a sua permanência neste clube?
- 5- Os pais praticarem esportes influenciou de alguma forma no desenvolvimento do filho?
- 6- Alguma outra participação dos pais que considera importante no desenvolvimento, considerando aspectos negativos como positivos?
- 7- Qual é a interferência dos pais junto ao clube?
- 8- De que forma os pais o procuram para ajudar os filhos?
- 9- Que orientações você passa aos pais no sentido de ajudar aos filhos?